

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Elciana Buffon

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E O TRABALHO  
PEDAGÓGICO**

Santa Maria, RS  
2017

**Elciana Buffon**

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E O TRABALHO PEDAGÓGICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação Física.**

ORIENTADOR: Prof. João Francisco Magno Ribas

COORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Maria Cecília Camargo Gunther

Santa Maria, RS  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

de Tal, Fulano  
TÍTULO DO TRABALHO / Fulano de Tal.-2015.  
50 f.; 30cm

Orientador: João da Silva  
Coorientadora: Maria da Costa  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de  
Pós-Graduação em Meteorologia, RS, 2015

1. Teste 1 2. Teste 2 3. Teste 3 I. da Silva, João  
II. da Costa, Maria III. Título.

---

©2017

Todos os direitos autorais reservados a Elciana Buffon. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

End. Eletr.: [elciana\\_buffon@hotmail.com](mailto:elciana_buffon@hotmail.com)

**Elciana Buffon**

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E O TRABALHO PEDAGÓGICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação Física.**

**Aprovado em 30 de junho de 2017:**

---

**João Francisco Magno Ribas, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Maria Cecília Camargo Gunther, Dra. (UFSM)**  
(Coorientadora)

---

**Maria Eliza Rosa Gama, Dra. (UFSM)**

---

**Lilian Aparecida Ferreira, Dra. (UNESP)**

---

**Andressa Aita Ivo, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2017

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais Elci e Carmen Maria; aos meus irmãos Cassiano e Eliege Cassiele; e aos meus avós Pedro (in memorian) e Amabile, e Olívio (in memorian) e Pierina, os meus maiores incentivadores.*

## **AGRADECIMENTOS**

*A minha família, por compartilharem os momentos de alegrias e angústias.*

*A Universidade Federal de Santa Maria, que me oportunizou espaços de construção de conhecimentos no ensino, na pesquisa e na extensão.*

*Aos professores do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD/UFSM), em especial, aos professores João Francisco Magno Ribas e a professora Maria Cecília Camargo Gunther, pelo profissionalismo, diálogo e amizade concedidas nesses anos de grupo.*

*Aos colegas e ex-colegas de graduação e de pós-graduação do Grupo de Estudos Praxiológicos (GEP - Brasil) e do Grupo de Estudos em Lazer e Formação de Professores (GPELF), pelos agradáveis momentos de estudos e lazer.*

*Aos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria, pela participação e envolvimento nos encontros de formação continuada e de troca de experiências.*

*As professoras Lílian Aparecida Ferreira, Maria Eliza Gama Santos e Andressa Aita Ivo, por aceitarem o convite e participarem da banca de defesa, o meu cordial agradecimento pelas importantes contribuições no trabalho.*

*A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão parcial da bolsa de estudo e pesquisa.*

*As escolas em que trabalho, pela compreensão e apoio em todos os momentos.*

*Aos amigos que criei laços em Santa Maria, pelo apoio e compreensão das minhas ausências durante toda caminhada acadêmica.*

*A Vanessa Bianchi Gatto, pela amizade fraterna que construímos desde 2009, e pelos momentos de estudo e descontração. As nossas conversas renderam horas de reflexão.*

*O meu agradecimento sincero para todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que eu chegasse até aqui.*

*A todos vocês a minha gratidão.*

*Nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.*

*(Minayo)*

## RESUMO

### A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E O TRABALHO PEDAGÓGICO

AUTORA: Elciana Buffon

ORIENTADOR: João Francisco Magno Ribas

COORIENTADORA: Maria Cecília Camargo Gunther

A Formação Continuada de Professores representa um importante meio na formação do professor e conseqüentemente para a qualidade da educação. Compreende também um processo de estudos, de reflexões e de construção de conhecimentos. O objetivo desse trabalho é Analisar o processo de formação continuada de professores de Educação Física que atuam na rede municipal de ensino de Santa Maria, RS, no período 2011 à 2016. Tem como objetivos específicos: estabelecer as relações entre trabalho e formação de professores; descrever a formação continuada de professores de Educação Física no período de 2011 a 2016; e analisar as repercussões da formação continuada no trabalho dos professores da rede municipal de ensino de Santa Maria, RS, no período de 2011 a 2016. Foi realizado um estudo exploratório para compreender a área de estudo correspondente aos 39 encontros de formação continuada. Os documentos utilizados foram: os manuscritos, os relatórios, os áudios e os vídeos dos encontros, o questionário e a entrevista semiestruturada realizada com uma professora. Constatamos que o trabalho compreendido pelos professores vai além das quatro paredes da escola, é um trabalho que demanda de um tempo e um espaço adequados e de qualidade. Já com relação a formação continuada, inferimos que proporcionou importantes momentos para que o professor pudesse repensar o seu trabalho e reconstruí-lo. Concluímos que as implicações da formação continuada no trabalho do professor teve grandes conquistas até o momento, dentre elas: a reorganização do horário para o planejamento e formação continuada, construção coletiva das orientações curriculares do município, e a partir desta, o evento para professores e alunos das escolas da rede que faz referência ao documento. Contudo, ainda encontra em discussão inicial, a garantia de um tempo específico de formação continuada, fora do período de planejamento do professor. Um tempo que contribua para melhorar, mesmo que em pequenas proporções, a qualidade da educação. Por fim, ressaltamos a importância da tríade escola, universidade e secretaria de educação para diminuir as distâncias e avançar nas discussões da área.

**Palavras-chave:** Trabalho. Formação Continuada. Educação Física.



## **ABSTRACT**

### **THE CONTINUED EDUCATION OF TEACHERS AND THE PEDAGOGICAL WORK**

**AUTHOR:** Elciana Buffon

**ADVISOR:** João Francisco Magno Ribas

**CO-ADVISOR:** Maria Cecília Camargo Gunther

The Continuing Teacher Education represents an important mean in the teacher's education and consequently to the quality of education. It also comprehends a process of study, reflections and knowledge building. The goal of this dissertation is to analyse the process of continuing education of Physical Education teachers that work in the municipal network of Santa Maria, RS, in the period of 2011 to 2016. Our specific goals are: establish a relation between teachers' practice and education; analyse the continuing education process and its implications in the practice of Physical Education teachers in this period. An exploratory study was made to understand the area of interest from the 39 continuing education meetings. The documents used were: the reports, audio and video from the meetings, the questionnaire and the semi-structured interview made with a teacher. We found that the teachers' job goes beyond school borders, and it demands proper time and space. Regarding the continuing education, we inferred that it provided important moments when the teacher was able to reflect and rethink his/her own work. We conclude that the implications of the continuing education on the teacher's job has had great benefits so far, among them: the reorganisation of the timetable to comprise planning and continuing education, collective construction of the city's curricular guidelines, and from this document, the organisation of an event for teachers and professors of the network. However, the guarantee of specific time (outside planning period) for continuing education is still under initial discussion, a time that contributes, even in small proportions, to the quality of education. Finally, we emphasise the importance of the triad school, university and secretary of education to reduce the distances and advance the discussions on the field.

**Keywords:** Job. Continuing Teacher Education. Physical Education

## LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1 – Tabela Formação Continuada .....	36
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>CACISM</i>	Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria
<i>CEFD</i>	Centro de Educação Física e Desportos
<i>EMAI</i>	Escola Municipal de Aprendizagem Industrial
<i>EMEFDC</i>	Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias
<i>GPELF</i>	Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer e Formação de Professores
<i>GEP – Brasil</i>	Grupo de Estudos Praxiológicos
<i>PIBID</i>	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
<i>PMSM</i>	Prefeitura Municipal de Santa Maria
<i>PNAIC</i>	Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa
<i>PPP</i>	Projeto Político Pedagógico
<i>PROEXT</i>	Programa de Extensão Universitária
<i>RNFCEP</i>	Rede Nacional de Formação Continuada de Professores
<i>RS</i>	Rio Grande do Sul
<i>SCSM</i>	Sindicato dos Contabilistas de Santa Maria
<i>SINPROSM</i>	Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria
<i>UFSM</i>	Universidade Federal de Santa Maria

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSO TEÓRICO</b> .....	<b>16</b>
2.1	TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	16
2.2	PRÁXIS PEDAGÓGICA .....	18
2.3	FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	21
2.4	FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	25
<b>3</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>30</b>
3.1	CAMPO DE PESQUISA .....	30
3.2	DELINEAMENTO METODOLÓGICO .....	31
3.3	INSTRUMENTOS DE PESQUISA .....	31
<b>3.3.1</b>	<b>Documentos</b> .....	<b>31</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Questionário</b> .....	<b>34</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Entrevista semiestruturada</b> .....	<b>34</b>
3.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	35
<b>4</b>	<b>REPERCUSSÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA</b> .....	<b>37</b>
4.1	COMPREENSÕES DE TRABALHO .....	37
4.2	COMPREENSÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA .....	40
4.3	REPERCUSSÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA .....	41
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>46</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO</b> .....	<b>49</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	<b>53</b>
	<b>APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA PROFESSORA A</b> .....	<b>54</b>
	<b>APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO AVALIAÇÃO FINAL 2016 FORMAÇÃO CONTINUADA</b> .....	<b>61</b>
	<b>APÊNDICE E – DINÂMICA DO SEMÁFORO</b> .....	<b>83</b>
	<b>APÊNDICE F – AVALIAÇÃO 1º SEMESTRE - 2012</b> .....	<b>85</b>
	<b>ANEXO A – ORIENTAÇÕES CURRICULARES - EDUCAÇÃO FÍSICA</b> ....	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo parte de uma trajetória pessoal, acadêmica e profissional o qual irei traçar e justificar o caminho percorrido.

Contextualizando a minha trajetória pessoal, a Educação Física sempre foi marcante no meu desenvolvimento. Os primeiros anos de vida (0 aos 4 anos) e o início da escolarização (dos 4 aos 7 anos) foram demarcados majoritariamente pelo brincar, neles aprendi a criar, recriar, compartilhar, compreender e reformular regras, a questionar, a perder e a ganhar, isto é, elementos importantes para formação do ser humano em sociedade. Ela, presente em todas as etapas da educação básica, compreende os jogos esportivos tradicionais, os jogos esportivos institucionalizados (esportes), os exercícios didáticos e as atividades livres sendo classificados por Parlebas (2001) como as Grandes Situações Motrizes. Nos anos finais do ensino fundamental compreenderam, majoritariamente, os conhecimentos relativos ao voleibol, assim como, na maior parte do ensino médio, e em menor proporção, o basquete e o futsal. Diante do conjunto de conhecimentos apontados por Parlebas anteriormente, percebo o leque de conteúdos que me foram negados, colocando o esporte como hegemônico na minha formação.

No que tange à formação pessoal na trajetória acadêmica, ingressei no curso de licenciatura em Educação Física pelo fato de gostar do esporte, mais especificamente do voleibol. Acreditava que ao concluir o curso estaria apta e com as habilidades necessárias para ser uma profissional do voleibol. No entanto, no decorrer do curso, pude perceber que o voleibol não era centralidade e que a Educação Física não se resume ao voleibol ou ao esporte.

A discussão do esporte como fator hegemônico na Educação Física é importante para repensar e desconstruir a concepção que este tem sobre os demais conhecimentos. A realidade escolar nos faz refletir esta forte tendência do esporte ser o eixo norteador de todo professor. A formação de professores sempre foi uma preocupação na Educação Física. Questões frequentes surgiam diante da carência de um convívio maior com o "chão da escola" ou mesmo o contato desta não respondiam as inquietações, gerando assim mais dúvidas: O que tange a formação do professor e à formação continuada? O professor estuda? Quando? Quando um professor planeja sabendo que tem pela frente 40 ou 60 horas de trabalho semanais? O que faz o esporte ser o conteúdo hegemônico?. Estas reflexões surgiram no decorrer do curso de graduação e muitas delas foram explicadas quando participei do projeto de formação continuada da rede municipal de ensino de Santa Maria. O envolvimento com o projeto se deu no decorrer do curso de graduação até a finalização deste trabalho de dissertação. Foram seis anos de encontros majoritariamente mensais, ricos em discussões e conversas, onde neles me vi mais próxima da realidade escolar. Período fundamental marcado pela relação entre escola, universidade e secretaria

de educação, o qual fortaleceu e consolidou a área.

Ao contextualizar a trajetória profissional não posso esquecer do processo pessoal e acadêmico, importantes elos que correspondem conjuntamente à base da formação profissional e conseqüentemente neste caso, da formação de professores. A aproximação mais efetiva com o grupo de professores da rede com a universidade e o secretaria de educação proporcionou uma formação mais sólida para o meu exercício profissional.

A formação de professores é uma temática que está sendo fortemente problematizada a fim de discutir a área a partir do que vem sendo desenvolvido no meio escolar e nos demais âmbitos da educação. Compreende-se como formação, todo o processo característico de trocas e de construção de conhecimento mais elaborado. Outro aspecto relevante na formação de professores está relacionado aos conhecimentos pós formação inicial, compreendido assim, pela formação continuada.

Este trabalho aborda como tema central a formação continuada de professores de Educação Física e está diretamente vinculado ao projeto “guarda-chuva” intitulado Organização do Trabalho Pedagógico do professor de Educação Física de Santa Maria, o qual foi instituído pelo Grupo de Estudos em Lazer e Formação de Professores (GPELF) e pelo Grupo de Estudos Praxiológicos (GEP - Brasil) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), desenvolvido desde 2011.

Tem-se percebido, nos últimos anos, um crescente número de ações de formação continuada com o objetivo de qualificar o trabalho dos profissionais da educação, porém estes modelos tem recebido fortes críticas do meio acadêmico com relação ao modo como são desenvolvidos.

A formação continuada de professores vem se constituindo como cursos rápidos de atualização para suprir de imediato um deficit da formação inicial de professores. São oferecidos pacotes prontos, com exemplos criativos de aulas isoladas e descontextualizadas. Esta proposta chama atenção dos professores pois são modelos fáceis de serem aplicados e que satisfaz a curto prazo as necessidades dos docentes.

Outra preocupação frequentemente questionada na relação das formações oferecidas aos professores, diz respeito as implicações destes modelos prontos. Que contribuições são acrescentadas a área, ao professor e a melhoria das condições de trabalho?

Ao tentar compreender essa problemática, surge o problema de pesquisa deste estudo: Como ocorreu e quais as repercussões do processo de formação continuada no trabalho pedagógico do professor de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria, RS?

Com vista a clarear e problematizar o problema de pesquisa levantado surge o objetivo principal deste trabalho: Analisar o processo de formação continuada de professores de Educação Física que atuam na rede municipal de ensino de Santa Maria, RS, no período 2011 à 2016.

A partir do objetivo geral, desmembro em objetivos específicos a fim de facilitar a

compreensão e estruturação do trabalho:

- Estabelecer as relações entre trabalho pedagógico e formação de professores.
- Descrever a formação continuada de professores de Educação Física no período de 2011 à 2016.
- Analisar as repercussões da formação continuada dos professores da rede municipal de ensino de Santa Maria, RS, no período de 2011 à 2016.

Este trabalho compreende a minha<sup>1</sup> trajetória pessoal, acadêmica e profissional o qual expressa o entendimento de Educação, de Educação Física, de Formação, de Formação de Professores, de Formação Continuada e de Práxis Pedagógica que são conceitos centrais desta dissertação. Nesta etapa irei discorrer sobre o histórico do processo de formação continuada da rede municipal de ensino de Santa Maria<sup>2</sup>, RS, marca das primeiras inquietações que se desdobraram neste trabalho, e apresentar os objetivos com esse estudo.

A educação é uma área que sempre se mostrou importante e ao mesmo tempo desvalorizada. Primeiro por ser responsável pela socialização dos conhecimentos construídos pela humanidade e segundo pelos órgãos oficiais descumprirem com o papel social da educação, ou seja, de criar boas condições de socialização desses conhecimentos. Esses pontos foram determinantes na escolha do tema de estudo devido a importância que a educação, neste caso representada pela formação continuada, tem para uma boa qualificação do trabalho dos professores.

A minha inserção na temática formação continuada de professores iniciou com o ingresso nos grupos Grupo de Pesquisa em Lazer e Formação de Professores (GPELF) e Grupo de Estudos Praxiológicos (GEP), despertando o meu interesse sobre a formação de professores frente às discussões nas reuniões de grupo, conversa entre pares e participação nos encontros de formação continuada.

Situando historicamente os trabalhos desenvolvidos na formação continuada, o GPELF iniciou em 2006, com educadores da rede pública de ensino da Quarta Colônia<sup>3</sup>, encontros com discussões coletivas referentes à dinâmica institucionalizada para o trabalho escolar e do professor, vindo a ser extinto em 2009 pela falta de apoio institucional.

<sup>1</sup> Irei utilizar a forma verbal na primeira pessoa do singular para reportar a especificidade pessoal.

<sup>2</sup> A cidade de Santa Maria está localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, onde a economia gira em torno do forte contingente do exército e da grande quantidade de instituições de ensino superior, que a todo semestre recebem pessoas de todo o Brasil e de outros países para trabalhar e estudar na cidade. A educação do município é composta por instituições federais, estaduais e municipais que compreende desde a educação infantil até o ensino superior e cursos técnicos. Este estudo debruça-se em torno das instituições municipais, isto é, escolas da rede municipal de ensino, atualmente um total de 19.600 alunos são distribuídos em 56 escolas municipais.

<sup>3</sup> A Quarta Colônia de colonização italiana do Rio Grande do Sul compreende os seguintes municípios: Agudo, Faxinal do Soturno, Ivorá, Dona Francisca, Silveira Martins, Nova Palma, São João do Polêsine, Pinhal Grande e Restinga Seca.

Percebendo a importância de dar continuidade às discussões da prática pedagógica do professor, em 2011, surgiu a proposta do Programa de Extensão Universitária (PROEXT<sup>4</sup>) com professores da rede municipal de ensino de Santa Maria, o qual se propunha a realizar um trabalho inicial de formação continuada de professores na rede municipal de ensino.

Na área da Educação Física, o PROEXT teve duração de um ano, período destinado pelo órgão fomentador da pesquisa, porém o mesmo foi concretizado nos últimos 4 meses, um mês de planejamento e organização e 3 meses de implementação da proposta. Foram realizados seis encontros com os professores da rede e um encontro geral com todas as áreas envolvidas. Este processo foi marcado pela aproximação inicial e direta entre professores, universidade e poder público (SMEd), espaço que gerou debates com relação a precarização do trabalho do professor e da escola, aposentadoria, turno e contra-turno da Educação Física, atuação do professor de Educação Física nos anos iniciais. Também durante este período, foram discutidos os conteúdos da área a partir de artigos científicos para problematizar o conhecimento e a especificidade da Educação Física. Neste período, os professores da rede manifestaram a necessidade da continuidade dos encontros para discutirem o próprio trabalho e defenderam a importância do espaço para a consolidação de construções coletivas.

Com o término do PROEXT, o GEP elaborou o Programa de Formação em Educação Física (PROFEF<sup>5</sup>) com o objetivo mediar um debate coletivo relativo a organização do trabalho pedagógico do professor de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria, viabilizando a qualificação dos professores. Foi a partir deste projeto que a formação continuada de professores deu sequência.

No ano seguinte foram discutidos as principais abordagens críticas (Crítico Superadora e Crítico Emancipatória) e não-críticas (Desenvolvimentista e Construtivista) da Educação Física a partir do contraponto de uma abordagem crítica e uma não crítica com a observação das referidas intervenções e análise a partir do tempo, do objetivo, das relações professor/aluno e aluno/aluno, da metodologia e da avaliação, e por fim uma sistematização coletiva dos principais elementos discutidos. Foi construído, no ano posterior, com um grupo reduzido de professores, devido a política de liberação e convite da secretaria, as orientações curriculares municipais, mais especificamente, a concepção de Educação Física e a organização dos conteúdos (descritores).

No que tange à concepção de Educação Física, os professores encontraram dificuldades em caracterizar a área, definir conceitos e objetivos. A organização da concepção

---

<sup>4</sup>O PROEXT é um órgão financiado pelo Ministério da Educação que abrange programas e projetos de extensão com ênfase na inclusão social. O programa foi construído por docentes da UFSM a fim de oportunizar a formação continuada para professores da rede municipal de ensino de Santa Maria das áreas de Artes Visuais, Ciências, Educação Física, Filosofia e Matemática.

<sup>5</sup>O PROFEF está inserido no projeto guarda-chuva intitulado "Organização do trabalho pedagógico do professor de Educação Física na rede municipal de Santa Maria" sob registro no gabinete de projetos do CEFD/UFSM nº 031194(fase 1) e 037858(fase 2).



foi construída a partir de palavras-chave pontuadas pelos professores e organizadas pelo coletivo. A concepção de Educação Física <sup>6</sup> descrita pelos professores da rede foi caracterizada na ideia da cultura corporal de movimento, não havendo nesse espaço questionamentos com relação à transformação social. Já na organização dos conteúdos, os professores partiram dos projetos políticos pedagógicos das escolas para sistematizar em 7 grandes eixos (esporte, jogos, dança, ginástica, lutas, conhecimentos sobre o corpo e atividades na natureza) e posteriormente construir as orientações curriculares do 6º ao 9º do ensino fundamental.

As Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Santa Maria foram constituídas a partir da necessidade institucional das áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Matemática, Ciências da Natureza, Geografia, História, Ensino Religioso) dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, sendo que, este trabalho compreende os anos finais do ensino fundamental na área da Educação Física. O documento foi organizado a partir de três níveis <sup>7</sup> de complexidade extraídos do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) próprios do ensino fundamental. A definição de cada nível, construída pelo coletivo de professores, objetiva compreender que saber fazer e que saber sobre o fazer deve ser desenvolvido no decorrer dos anos.

A partir das orientações curriculares, no ano de 2016, foi realizado oficinas com conteúdos pouco usuais pelos professores que compõe o documento, a constar: rugby, atividades circenses e jogos tradicionais. As oficinas foram realizadas nas escolas para aproximar estes conteúdos com o local de prática e dessa forma auxiliar a pensar o conteúdo específico no espaço escolar, as dificuldades e as tomadas de decisões que podem ocorrer no decorrer do processo com relação aos materiais disponíveis, locais de prática,

---

<sup>6</sup>A concepção de Educação Física identificada junto aos professores da rede municipal de ensino de Santa Maria, contempla um conjunto de reflexões que apontam para a direção de uma perspectiva crítica, ainda que a mesma não se apresente de forma coesa e plenamente consolidada.

Dentro desta perspectiva a Educação Física inclui o brincar e a exploração de diferentes formas de movimento com base em uma visão lúdica que proporcionem a interação, a cooperação, o respeito e o prazer.

A expressão “cultura corporal de movimento” foi frequentemente destacada pelo grupo e caracteriza a Educação Física como o conjunto de múltiplas manifestações como dança, lutas, esportes, jogos, ginásticas e ainda práticas emergentes tais como: as atividades na natureza ou outras que possam ser incorporadas de acordo com o contexto escolar. A Educação Física entendida a partir desta perspectiva, inclui a abordagem de temas voltados à saúde e qualidade de vida, aqui entendidas para além de uma visão exclusivamente biológica.

Os conteúdos propostos expressam um olhar amplo e contextualizado, sendo abordados de modo a possibilitar a aprendizagem consciente sobre as variadas manifestações da cultura corporal de movimento, de modo que os alunos possam dispor desses conhecimentos de forma autônoma.

<sup>7</sup>INICIAL (saber sobre o fazer e saber fazer): conceitos básicos que emergem da própria turma e a vivência da manifestação da cultura corporal realizando as articulações com o contexto social;

APROFUNDADO (saber sobre o fazer e saber fazer): tratar os conceitos e os elementos do contexto social a partir da literatura da área e vivenciar a manifestação da cultura corporal de movimento a partir de normas e regras buscando uma adequação metodológica ao contexto escolar e

CONSOLIDADO (saber sobre o fazer e saber fazer): compreender o fazer e ter um domínio que dê condições de participar das manifestações da cultura corporal de movimento bem como situar este conhecimento no contexto social.

questões administrativas das escolas e da comunidade.

O presente estudo versa sobre as implicações processo de formação continuada de professores da rede municipal de ensino de Santa Maria, RS, como forma de possibilitar a compreensão das possíveis mudanças que ocorrem no trabalho do professor a partir das reflexões realizadas durante o referido processo. Assim, o tema representa grande relevância social, pois traz à tona uma problemática educacional que envolve a formação continuada do professor, mais especificamente do professor de Educação Física, e sua relação com a escola, com a sociedade e com as políticas públicas.

O estudo está estruturado em cinco capítulos, organizando o trabalho numa forma contextualizada. O primeiro capítulo introduz a temática de estudo e apresenta os objetivos a fim de compreender o problema proposto. O capítulo 2 aborda o trabalho, a formação de professores e a práxis pedagógica com ênfase na formação continuada. O capítulo subsequente aponta os encaminhamentos metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa. No capítulo 4 serão abordadas as implicações da formação continuada no trabalho pedagógico dos professores a partir da análise dos resultados obtidos. Para finalizar, são apresentadas as considerações finais do trabalho, apontando novos caminhos para qualificar e contribuir com a práxis pedagógica do professor de Educação Física.

## 2 PERCURSO TEÓRICO

### 2.1 TRABALHO E EDUCAÇÃO

Para iniciar o debate, primeiramente situo o trabalho em seu contexto histórico. O homem produziu, em seu processo evolutivo, e em contato com a natureza e com outros homens, meios de vida e de sobrevivência, bem como bens materiais e espirituais, formando assim a base do trabalho humano.

O trabalho, neste sentido, como aborda Frizzo (2008, p. 5) "[...] é a fonte de toda riqueza, fonte também de prazer e de realização humana. [...] O trabalho é a categoria central de análise da materialidade histórica dos homens, porque é a forma mais simples e mais objetiva, que desenvolveram para se organizar em sociedade". É pelo trabalho que se desenvolvem os processos de produção e reprodução do capital, as formas como ele se organiza no decorrer da história.

A interação do homem com a natureza é uma condição da existência humana, comum a todas as formas de sociedade, diferenciando-se nas relações estabelecidas. O trabalho concreto, na estrutura do trabalho, é a atividade produtiva que visa um produto de valor de uso. Já o trabalho abstrato está relacionado com o tempo de trabalho socialmente necessário à produção do produto. Taffarel (2010, p. 21) expressa que: "O processo de trabalho é aquele em que o trabalhador é materializado em valor de uso, resultante da interação entre as pessoas e a natureza, ocorrendo aí modificações com base em propósitos humanos".

O trabalho resulta num produto de troca, a fim de obter outra mercadoria que serve como valor de uso para satisfazer as necessidades humanas. Este trabalho é vendido por salários, no qual muitas vezes o trabalhador não se apropria da sua própria força de trabalho. Como afirma Taffarel (2010, p.23), "A força de trabalho é, portanto, na sociedade capitalista, uma mercadoria, mas é uma mercadoria especial, visto que cria valores. Enquanto fonte de valor, gera valor maior do que ela própria possui."

O capital se desenvolve e se mantém nas relações econômicas e sociais a partir do trabalho, nele corresponde o desenvolvimento das forças produtivas materiais. Nesse sentido, as relações sociais presentes na vida humana compete também em nível educacional, enquanto produção e apropriação do conhecimento historicamente construído. Taffarel afirma que a educação lida:

[...] com o conhecimento que é produzido e apropriado nas relações humanas vitais, no processo de trabalho. É, pois, imprescindível, ao se analisar qualquer uma das dimensões possíveis da educação, ter em conta a unidade do conhecimento humano, inserindo-o no processo de formação do indivíduo e de sua objetivação como gênero humano. (TAFFAREL, 2010, p.25)

A concepção de trabalho pedagógico utilizada neste estudo aborda uma visão ampla do trabalho desenvolvido pelo professor na escola e suas articulações entre estruturas sociais, políticas, econômicas e a realidade da docência. Assim, o trabalho traz consigo políticas de organização do homem na sociedade como prática social,

O trabalho pedagógico é uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal para realizar nos sujeitos humanos as características de seres humanos. Essa prática social é munida de forma e conteúdo, expressando dentro das suas possibilidades objetivas as determinações políticas e ideológicas dominantes em uma sociedade. (FRIZZO, 2008, p. 163)

Segundo Freitas (1995), na medida em que o sentido de trabalho pedagógico nas escolas se reduz a uma prática, o trabalho será precarizado e reduzido às atividades, fortalecendo, assim, a precarização da educação e a descaracterização do sentido social da educação. A produção de conhecimento por meio do trabalho com valor social, parte da prática refletida na forma de teoria, e após retorna à prática. O mesmo autor argumenta com relação ao trabalho pedagógico que:

A organização do processo de trabalho pedagógico da escola como um todo, constitui-se, hoje, em uma grande trava para as mudanças de conteúdo, método e objetivos da escola, porque ela encarna as necessidades da organização capitalista que atribui à escola uma função social seletiva e preparatória para as relações sociais de produção capitalista. Esta organização do trabalho pedagógico da escola como um todo, é apoiada (e ao mesmo tempo apoia) pela organização do trabalho em sala de aula (...) onde os objetivos, métodos e conteúdos são categorias que organizam a sala de aula e são perpassados por relações de poder que se sustentam a partir das práticas de avaliação do professor (...) relações que são uma antecipação na escola, das relações de poder no interior da fábrica (FREITAS, 1995, p. 121).

O mesmo autor denomina a Organização do Trabalho Pedagógico como presente no momento histórico desenvolvido em sala de aula e como organização global no projeto político pedagógico da escola. Na proposta do professor refletir sobre a mudança existente na própria prática pedagógica, reporta à conceituação de trabalho pedagógico, pois problematiza o meio escolar, as políticas públicas e a forma como se comporta.

A educação se define por uma forma particular de trabalho, o trabalho não-material, mas isso não significa que seus métodos de ensino devam ter, obrigatoriamente, a mesma natureza, senão pelo contrário, o trabalho material, concreto e socialmente útil deve ser o ponto de partida dos processos educativos como trabalho não-material (FREITAS 1995). Na escola, a instituição reproduz os meios de produção capitalista, evidenciando a empregabilidade e a disciplinaridade que reforçam o intuito de reproduzir uma sociedade individualista de forma que sua força de trabalho seja apta para as demandas do capital e orientada pelas políticas do governo a cumprir com os objetivos das políticas propostas.

O trabalho do professor compreende todo trabalho desenvolvido como forma de produção do conhecimento, abrange o planejar, o avaliar o conhecimento dos alunos e a sua própria produção, estar em constante processo de formação. Porém, todo esse trabalho demanda um certo tempo, tempo para o planejar, tempo para avaliar e para estudar.

O tempo é uma criação do homem como forma de organizar a vida, de produzir, de trabalhar e está imerso na cultura dos povos. Cada civilização percebe o tempo através dos seus próprios sistemas e estes se constituem na atividade dos homens, pela experiência e herdados de geração a geração. Assim, o tempo surge como categoria já nos povos primitivos

[...] cujos rituais e mitos marcavam a diferenciação temporal, as passagens das épocas e acabavam por registrar a própria história daquele grupo. Bem antes do calendário, já era possível dimensionar a passagem de uma época a outra, através dos ritos comunitários como o plantio, os movimentos dos grupos, e as narrativas, registrando uma repetição, cuja circularidade contém, em si, o movimento. (FERREIRA, 2010, p. 207-208)

Com o advento da industrialização, no início do século XX, o tempo passou a ser controlado com mais rigidez no trabalho. Esta compreensão visa aumentar o controle e a produção, e conseqüentemente gerar mais lucros e bens. Também gere o tempo de produção do conhecimento na escola, fazendo desta uma rotina. Uma rotina que para o homem tende a ser resistente, pois o ser humano é criativo, ele se readapta aos tempos. Assim como na escola, uma instituição seria mais criativa,

[...] pois sendo composta por sujeitos diferentes, provenientes de culturas diversas, a todo dia, precisa ser revista, repensada, re-articulada. O trabalho dos professores, como efetiva ação pedagógica da escola, jamais seria rotineiro, uma vez que, cotidianamente, precisa ser replanejado, buscando atender as demandas. (FERREIRA, 2010, p. 214)

O trabalho pedagógico fica afetado quando trata do tempo de trabalho do professor e do aluno. O conhecimento é medido a partir de um tempo, tempo para uma aula, tempo para um prova, tempo para provar o que aprendeu. Contudo, além do tempo de trabalho em aula, o professor tem mais o tempo extraclasse, que também é um tempo necessário para preparar, refletir e ter consciência daquilo que objetiva. Quando não se tem essa consciência, o trabalho fica incompleto e fragmentado. Ferreira (2010, p. 207) ressalta que "[...] o tempo de produzir conhecimento é a própria produção desse conhecimento. Quando não há essa condição, esse trabalho ou fica prejudicado, ou se torna um não-trabalho, ou se consome como forma de um não trabalho".

## 2.2 PRÁXIS PEDAGÓGICA

O conceito de práxis parte de um prática, mas não de uma prática qualquer e sim de um fazer reestruturado de teoria, no qual o Homem se faz e se transforma ao transformar o mundo, ao transformar sua prática. A práxis é munida de um complexo significado, pois envolve questões políticas, sociais, culturais, filosóficas, históricas para um olhar crítico e aguçado. É nesse contexto que Gamboa (1995) compreende a relação teoria-prática como:

[...] a prática deve ser entendida no contexto de uma formação social historicamente concretizada e, como tal, prenhe de pressupostos, interesses, racionalizações, determinações econômico sociais e referências político-culturais. Toda teoria, por sua vez, além de ser a racionalização de uma prática, e constituir-se também em instrumental da prática, na medida em que presta auxílio para a solução de problemas concretos, deve ser fundamentalmente crítica, crítica da prática na medida em que a questiona constantemente.

Ao compreender o processo histórico, Gamboa (1995) apresenta a práxis, designada pelos gregos, como uma ação com fim em si mesma. Platão a denominou como uma unidade entre a teoria e a prática que, segundo ele, o pensamento e a ação devem permanecer em constante união, o ser e o pensamento em um só elemento. Já Aristóteles acreditava no contrário, onde uma é independente da outra, ou seja, uma isolada da outra.

Ferreira e Ribas (2014) entendem que a práxis é autônoma e o seu processo é indeterminado. Compreende um início, mas um destino imprevisto, pois assume, durante o processo, um fazer criador e com novos sentidos. Assim como para Vázquez (1977), a Práxis é uma atividade material, transformadora e ajustada a objetivos, distante dela fica a atividade puramente teórica e puramente material, pois ambas se distanciam do objetivo transformador da práxis.

A práxis pedagógica se constitui num elemento central ao compreender o trabalho realizado pelo professor, substancialmente pedagógico. Quando nos remetemos ao meio escolar, toda práxis parte do pedagógico, e ela não pode ser reduzida a uma atividade ou meramente a uma prática, ou também, do ponto de vista abstrato, está práxis não pode ser meramente teórica, pois, não existe práxis teórica. É um processo de mão dupla, um ir e vir a todo instante, transcendendo a dicotomia existente entre elas. Para Ferreira e Ribas (2014, p. 136) o pedagógico transcende a Pedagogia, pois o

Pedagógico é tudo que está implicado na ação de educar, mesmo que ainda não referendado pela Pedagogia, ou seja, no âmbito do senso comum. Quando o pedagógico insere-se na escola, sobretudo, está regulamentado, normatizado, além de incidirem sobre ele determinadas relações de poderes, próprias daquele espaço e daquele tempo, culturalmente elaborados. Essas relações se evidenciam cotidianamente na escola ou em qualquer espaço onde se evidenciem relações pedagógicas. Em alguns casos, são naturalizadas pelo grupo e não estão prescritas em nenhum documento. Sua repetição as naturaliza. São formas a partir das quais os sujeitos intercambiam saberes, culturas, historicidades.

Para Luckesi (1994), o sujeito educador da práxis pedagógica, primeiro, é um ser humano formador de si e da sua história e determinante das condições que o circunda; e segundo, é responsável pela docência. Na práxis, o educador, tendo adquirido uma condição de cultura para o ensino e a aprendizagem, assume a postura de mediador entre o conhecimento elaborado e acumulado ao longo da história, e o educando. Assim, este mesmo ator afirma que "A ação do educador não pode ser exercida de qualquer forma, como se toda e qualquer forma fosse suficiente para que ela possa ser bem realizada", bem como, um compromisso político para que o educador, aceite todas as desigualdades ou trabalhe para que a sociedade as modifique. Imbert (2003) comenta que a práxis compreende um nível pessoal e coletivo na instituição escolar

A questão da práxis na instituição escolar será a de um projeto de autonomia que visará revolucionar, tanto em nível da pessoa quanto em nível coletivo, uma relação com a instituição, relação essa vivida e pensada como conjunto de práticas, de representações e de imagens mais ou menos estruturadas em torno do paradigma superior x inferior, paradigma cujas fontes e efeitos psicológicos e sociopolíticos são desconhecidos.

A práxis pedagógica é construída no cotidiano da ação do professor, em diferentes tempos e espaços. Ela compreende, segundo Pimenta (2013, p.63)

[...] embora não seja uma atividade exclusiva [...], a tarefa de ensinar, desde a organização, análise e decisão de políticas de ensino e seus consequentes resultados no processo de educação enquanto humanização constitui a especificidade do trabalho profissional do professor.

Sánchez Vázquez (1977), ao discutir os níveis de práxis, afirma que a práxis é a ação do homem sobre a matéria e criação de uma nova realidade, assim, podemos citar diferentes níveis de práxis de acordo com o estágio de consciência do sujeito no processo prático, e com o estágio de criação da matéria transformada evidenciado no produto de sua prática. A partir desses dois níveis, há, por um lado, a práxis criadora e a práxis reiterativa ou imitativa, e por outro, a práxis reflexiva e a práxis espontânea. A práxis criadora tem proximidade com a práxis reflexiva, e a práxis reiterativa ou imitativa com a práxis espontânea. Contudo, uma não está isenta da outra.

A práxis criadora permite enfrentar novas necessidades e situações. O próprio humano não permite apenas repetir ou imitar, porque ele cria novas necessidades frente as exigências. É nesse sentido que Sánchez Vázquez (1977, p. 247-248) compreende que:

A repetição se justifica enquanto a própria vida não reclama uma nova criação. O homem não vive num constante estado criador. Ele só cria por necessidade; cria para adaptar-se a novas situações ou para satisfazer novas necessidades. Repete, portanto, enquanto não se vê obrigado a criar. Contudo, criar é para ele a primeira e mais vital necessidade humana, porque só criando, transformando o mundo, o homem faz um mundo humano e se faz a si mesmo.

O ensino envolve o movimento das estruturas do ato didático (conteúdo, objetivo, planejamento, metodologia, avaliação) em dimensões históricas, culturais, sociais, que levam à transformação das relações existentes na sociedade. A didática engloba conhecimentos de metodologia e de métodos e técnicas de ensino que auxiliam no percurso para se chegar a tal objetivo.

O mundo não munda somente pela prática, mas requer um movimento que supere a dicotomia entre teoria e prática. Na filosofia da práxis, só entendemos teoria como "teoria de uma prática" e vice-versa, a prática sempre é "prática de uma teoria". Neste contexto, Frizzo (2008) afirma que "[...] o homem só conhece o que é objeto e produto de sua atividade porque atua praticamente", é na atividade prática que as teorias se estruturam e que se constroem conhecimentos. Segundo Sánchez Vázquez (1980, p. 290-291) "Esta relação não é direta e imediata, mas acontece através de um processo complexo, que vai às vezes da prática a teoria e outras desta à prática". Gamboa concebe a relação teoria e prática como:

uma relação dialética. E, como tal, não procura o equilíbrio, o ajuste, a acomodação de uma a outra, visa a sua contradição, isto é, a tensão permanente entre elas. Vale dizer, a teoria transforma-se no contrário da prática e vice-versa. Se não assim, deixariam de se constituir numa relação dialética (GAMBOA, 2010)

É nessa relação que a compreensão da realidade tem sentido, retornando-a para transformá-la, a relação em que a educação transforma o homem e o meio em que vive pela práxis. Noronha e Salesiano conceituam práxis como:

uma atividade social conscientemente dirigida a um objetivo. O homem por exercer trabalho físico, produção, participação ativa em diferentes formas de vida social, desenvolvem uma prática material. Esta práxis material por sua vez é constituída de elementos subjetivos tais como a produção e a interpretação das percepções, emoções, a educação dos próprios sentidos, a seleção, o estabelecimento de valores, as operações mentais e demais formas de respostas dadas à realidade. A educação, portanto é um dos elementos constitutivos da práxis material e como tal deve ser apreendida e, em relação a ele, o de trabalho e de produção pode ser definido como uma atividade social conscientemente dirigida a um objetivo. (NORONHA; SALESIANO, 2005)

É nesse processo em que a dialética, entendida como movimento de transformação e reflexão, aqui contextualizado para o trabalho pedagógico ressignifica o sentido do trabalho e da formação continuada como um movimento de transformação da sociedade.

### 2.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A formação de professores é uma temática que vem sendo fortemente debatida nacionalmente devido ao panorama em que o sistema educacional se encontra. Historicamente, a educação vem passando por diversas discussões para qualificar as propostas que abrangem todas as esferas de ensino, sejam em rede municipal, estadual, federal ou mundial. Visto da importância social que a educação exerce na formação das pessoas, Taffarel e Santos Júnior (2010) caracterizam como uma dimensão da vida social imprescindível nas sociedades contemporâneas, um dos fundamentos básicos na construção de uma nação socialmente justa e civilizada.

A formação de professores está diretamente vinculada a organismos internacionais com o Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI), órgãos que fornecem ações para os países em desenvolvimento. De acordo com Vaz e Gisi (2011), após a Segunda Guerra Mundial, a visão de progresso no mundo estava ligada à criação de empregos e acúmulo de capital. Assim, acreditava-se que os países periféricos dependiam de um modelo de desenvolvimento global. Inicialmente os recursos desses órgãos foram destinados aos países devastados pela guerra, porém, nos anos seguintes foram destinados à políticas de industrialização do terceiro mundo. Atualmente, no que tange a educação e

Para a formação docente, a ênfase do BM está na formação em serviço e de preferência a distância (EaD), visando a diminuição dos custos, uma vez que o modelo de universidade (indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão) é



considerado oneroso pelo organismo. (ROSI, 2013, p. 55)

No Brasil, a preocupação com a formação de professores se intensificou após a criação das escolas normais, as quais visavam um treinamento predominantemente técnico em detrimento das bases teóricas. Contudo, no início do período republicano, temos um decisivo momento de alteração desta tendência para uma proposição de formar professores para disciplinas específicas e do curso de pedagogia para um processo de qualificação do preparo dos professores (Taffarel e Santos Júnior, 2010).

Os programas de formação inicial de professores de Educação Física se configuram por uma peculiaridade de saberes pedagógicos com raízes na filosofia, psicologia, sociologia, antropologia; de conhecimentos gerais da área como a antropometria, cinesiologia, biomecânica, fisiologia, anatomia; e de conhecimentos específicos da cultura corporal. Porém, esta grade de importantes conhecimentos é caracterizada por saberes fragmentados, que nos cursos de graduação pouco dialogam entre si e com a realidade escolar.

A Educação Física, assim como a educação, passou por diversos períodos na história que hoje justificam ou buscam esclarecer o modo como é compreendida e como foram e são desenvolvidas suas práticas. Ao compreender este processo, entenderemos muitas das ações empregadas pelos professores nos sistemas de ensino.

A história da Educação Física desde as primeiras ideias as quais sustentaram o surgimento do conhecimento da área, nos séculos 18 e 19, teve o intuito e a importância de cuidar do corpo e dos exercícios físicos para os indivíduos. Este entendimento, por trás, tinha o objetivo de construir uma sociedade, com Homens mais fortes, ágeis e empreendedores (Castellani Filho, 2013) a fim de que a força de trabalho produzida fosse transformada em lucro. Esta concepção de cuidar do corpo foi se expandindo no século 19, a partir dos métodos ginásticos e da calistenia. Neste período, a ginástica nas escolas, passou a ser vista como

[...] importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, "fortalecidos" pelo exercício físico, que em si gera saúde, estariam mais aptos para contribuir com a grandeza da indústria nascente, dos exercícios, assim como com a prosperidade da pátria. (CASTELLANI FILHO et al., 2013, p. 35)

A expressão Educação Física compreende a sistematização dos exercícios físicos, jogos e esporte, e o termo ginástica, neste mesmo período, foi considerado sinônimo de Educação Física. Era exclusivamente prática, sendo desenvolvida pelos militares com o propósito de manter a ordem e disciplina na sociedade.

Após a segunda guerra mundial, iniciou-se uma forte disseminação do esporte em detrimento dos outros conhecimentos da cultura. No contexto escolar, houve uma intensa interferência do esporte olímpico e dos sistemas nacionais e internacionais do chamado "esporte na escola" a fim de que princípios de rendimento diminuíssem tempos e possibilitassem o alcance de recordes, envolvendo a seleção dos mais aptos. Em favor do "esporte da escola", o qual é compreendido como um esporte para todos, há uma outra concepção sem seleção de "atletas" e dos mais habilidosos.

Neste período, as pedagogias tecnicista e militarista são tendenciosamente utilizadas para manter a estrutura político-social do governo e contribuir com formação de um cidadão capaz de manter a ordem e desenvolver o progresso da nação. Percebendo o predomínio de um conhecimento majoritariamente técnico-fisiológico, nos anos de 1970 e 1980, surge o denominado "movimento renovador da Educação Física" vindo a colocar em pauta as ciências humanas e sociais na área em contraponto à aptidão física. Bracht (1999a) destaca as duas principais críticas feitas por estes movimento: em um primeiro momento, à falta de cientificidade da área; e em um segundo momento, ao tipo de formação que tinha na época. Assim, buscava a qualificação do corpo docente em programas de pós-graduação no exterior para incorporar discussões pedagógicas influenciadas pelas ciências humanas.

O desenvolvimento de teorias pedagógicas, durante este processo, auxiliaram na reestruturação da Educação Física. A partir do movimento renovador, alguns autores se destacam até hoje como propositores importantes para o ensino da Educação Física, a saber: Go Tani (Abordagem Desenvolvimentista), João Batista Freire (Abordagem Construtivista), Lino Castellani Filho, Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zulke Taffarel, Elizabeth Varjal, Valter Bracht (Abordagem Crítico-Superadora) e Elenor Kunz (Abordagem Crítico-Emancipatória), respectivamente, os dois primeiros autores preocupados com a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, e os dois últimos, preocupados com o papel da Educação Física na sociedade. Bracht (1999b) compreende que para as teorias progressistas da Educação Física, as culturas dominantes reproduzem o esporte na escola, e ao fazê-lo, contribuem para a reprodução social como um todo. Assim, com consciência crítica, "os sujeitos poderão agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal ou de movimento e também agir de forma transformadora como cidadãos políticos". (BRACHT, op. cit.)

Esse movimento renovador da Educação Física trouxe propostas críticas as quais buscavam transformar e emancipar o Homem na sociedade. Entretanto, a Educação Física ainda está enfrentando um processo de resistência as mudanças pedagógicas nas escolas, muitas vezes, pautado em teorias tradicionais.

Antes de contextualizar a formação continuada, é necessário localizar a formação inicial nesse cenário da formação. A formação inicial é um processo importante para a base do trabalho exercido pelo professor. Compreende o conjunto de conhecimentos que juntos formam o currículo profissional, o qual permite o auxílio no pleno exercício do trabalho.

Este contexto da formação inicial, aqui especificamente relacionado à Licenciatura em Educação Física, compreende conhecimentos gerais ligados à educação, como por exemplo: filosofia da educação, psicologia da educação, sociologia da educação; conhecimentos específicos da matéria de ensino: relacionados aos jogos e esportes, à ginástica, à dança, às lutas, conhecimentos sobre o corpo; e também aos conhecimentos didáticos e metodológicos os quais são abordados nas disciplinas específicas da área. É importante

ressaltar o distanciamento que, muitas vezes, existe entre estes conhecimentos, formando assim um currículo fragmentado e distante da realidade escolar. Gunther (2000, p. 23), em sua dissertação, aborda essa esfacelamento do conhecimento nos cursos de licenciatura

Questões como a fragmentação do saber e o distanciamento da realidade social, são de extrema relevância quando tratamos da formação de professores. As licenciaturas, de um modo geral, vêm atravessando uma crise profunda. A perda da importância da formação pedagógica em detrimento de uma formação mais técnica, juntamente à crescente desvalorização do magistério transformaram as licenciaturas em cursos menos importantes na hierarquia da universidade. Este fenômeno, ainda que possa ter características próprias e uma dimensão maior no Brasil, não é restrito à nossa realidade.

O sucateamento das universidades públicas brasileiras nesses últimos tempos, das condições de trabalho dos docentes e funcionários, físicas, psíquicas, estruturais; reflete na organização curricular dos cursos de graduação. Pensar em formação vai muito além de uma boa organização de disciplinar, compreende uma boa organização política, social e econômica.

Outro ponto que expressa a fragmentação da formação inicial se consolidou a partir da Resolução nº 003/CFE/87 o qual fixou os conteúdos mínimos e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física. A divisão do curso compreendeu a licenciatura, na maior parte, de conhecimentos pedagógicos; e para o bacharelado de conhecimentos técnicos para contribuir na atuação extra escolar. Este cenário reflete a negação de conhecimentos para ambas as áreas, no entanto, é de grande importância tanto os conhecimentos pedagógicos quanto de conhecimentos técnicos para o professor de Educação Física.

Entendemos o ser humano e a formação de professores como algo inacabado, que se constitui a partir das relações com o meio, em uma relação de troca. A formação continuada compreende esse inacabamento do ser humano, vêm para auxiliar as lacunas deixadas na formação inicial, para discutir a área, a educação e as políticas públicas.

Uma das fragilidades da formação inicial de professores corresponde aos estágios obrigatórios presentes na grade curricular dos cursos de licenciatura. Nessas etapas, a grande crítica por parte dos alunos, compreende no distanciamento da real rotina do professor e o que consiste o seu trabalho.

Em contraponto com essa realidade temos o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o qual compreende um meio de formação, tanto para os professores na escola, quanto para os alunos dos cursos de graduação e para os docentes de ensino superior. Estudos como de Tancredi (2013, p. 15) expressam esta importante contribuição e aproximação do PIBID na formação inicial e continuada de professores

É assim o PIBID um programa de grande envergadura, que toca em pontos cruciais da formação inicial de professores, dentre os quais destaco: o relacionamento muitas vezes difícil das instituições formadoras com as escolas em que os estágios e as práticas dos licenciandos precisam ocorrer; e o escasso e pouco inovador exercício da docência que lhes era possibilitado; a formação continuada associada à inicial, numa troca frutífera; o apoio a projetos inovadores construídos

em parceria das escolas com as instituições formadoras.

Como percebemos, o PIBID constitui um importante elo de inter-relação entre a tríade professor da rede de ensino, docente universitário e discente, assim, estudos de Dalla Nora (2015), Welter; Sawitzki (2014) destacam a construção de espaços significativos do PIBID para a formação de professores com trocas de conhecimentos e enfrentamentos de superações e desafios. No entanto, esta ideia de projeto pode contribuir como proposta de estágio para os cursos de licenciatura pois reflete realmente o trabalho do professor, e deste modo, contribui para a formação dos três âmbitos de ensino na universidade.

Na nova ordem global em que vivemos é preciso avançar na concepção de formação continuada – e, conseqüentemente, no foco das ações formativas – de uma concepção de certificação, atualização, conformação – para uma concepção mais abrangente de formação do ser humano. (ROSI, 2013, p. 58)

Além do sucateamento da formação inicial, temos o sucateamento da educação básica, que se reflete na qualidade estrutural e organizacional das escolas, das condições de trabalho dos professores, no atraso do pagamento do funcionalismo público, como podemos ver no estado do Rio Grande do Sul. Esses problemas enfrentados empobrecem todo o sistema educacional e levam a desconstruir a importância que a educação tem na formação social.

## 2.4 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nos últimos anos, o tema formação continuada tem tido destaque na política educacional para o investimento em estudos e pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, visto a crescente discussão sobre a qualidade da educação brasileira. Esta seção irá abordar o percurso histórico da formação continuada, em contexto macro, e a especificidade do contexto local.

Segundo Oliveira (2011) no decorrer da história da educação brasileira, a formação de professores acompanhou a tendência das teorias reprodutivistas, no final da década de 1960, a formação continuada passou a constituir-se como complementação profissional com cursos de curta duração e palestras oferecidos aos professores com ênfase na organização do planejamento de ensino, materiais e avaliação, visando o ensino eficiente e eficaz.

A partir de 1980, os cursos de formação se direcionavam para a organização pedagógica e os currículos escolares com teorias reprodutivistas da década anterior. Já nos anos de 1990, a formação continuada ganhou força no sentido de considerar o professor como sujeito de sua prática, dotado de competências básicas para o exercício de sua profissão, de modo a assegurar em lei a valorização dos profissionais. Para tanto, partiu-se

do pressuposto de que as leis governamentais, criadas para garantir a qualidade e a valorização da educação brasileira, assegurassem as condições para o trabalho pedagógico e a melhoria da educação, conforme estabelecimento no artigo 67 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996):

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: [...] II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim (BRASIL, 1996, p. 23).

Nesta mesma perspectiva, o Plano Nacional de Educação (2014) propõe estratégias para a educação como:

Fomentar a produção de material didático, o desenvolvimento de currículos e metodologias específicas, os instrumentos de avaliação, o acesso a equipamentos e laboratórios e a formação continuada de docentes das redes públicas que atuam na educação de jovens e adultos articulada à educação profissional (BRASIL, 2014).

Neste mesmo sentido, foi criada a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores (RNFCP) no ano de 2004, com o objetivo de contribuir com a qualidade do ensino e com a melhoria do aprendizado dos estudantes por meio de amplo processo de articulação dos órgãos gestores, dos sistemas de ensino e das instituições de formação, sobretudo as universidades públicas e comunitárias. As instituições de nível superior se integram à RNFCP para a produção de materiais de orientação para os cursos semipresenciais e a distância com duração de 120h. As áreas contempladas foram: alfabetização e linguagem, educação matemática e científica, ensino de ciências humanas e sociais, artes e educação física.

Em contexto local, o documento das Orientações Curriculares Municipais, destaca o encadeamento com a universidade para garantir a qualificação da formação continuada, "[...] na implementação de seu projeto político-pedagógico, as escolas se articularão com as instituições formadoras, com vistas a assegurar a formação continuada de seus profissionais" (SANTA MARIA, 2011, p. 59).

Como pode-se observar, esses órgãos públicos se responsabilizam pela valorização do professor e da formação continuada, porém não corresponde ao modo como essas políticas educacionais estão sendo ofertadas. Os professores buscam formações mas as mesmas não atendem as suas reais necessidades, são ofertado cursos desarticulados, que pouco contribuem para o trabalho do professor. Portanto, essas leis demonstram contradição quanto ao papel do poder público com o processo de formação continuada:

[...] Ainda que façam parte de um projeto de formação coletiva no âmbito de um estabelecimento escolar ou de uma rede ampliada, esses dispositivos atuais restringem a algumas seções de formação, centradas em três ou quatro dias, ou de seis a oito jornadas parciais durante o ano escolar; desse modo, não atendem às necessidades nem dos professores nem dos alunos (RIGHI; MARIN; SOUZA, 2012, p. 881)

Em estudo realizado por Cristino (2008), com a rede municipal de ensino de Santa Maria, constatou-se os mesmos problemas e questionamentos enfrentados pelo atual qua-

dro de professores: "O tempo de trabalho diário, semanal, anual, o número de horas de presença obrigatória em classe, o número de alunos, o salário, definem o quadro legal no qual o ensino se desenvolve". Esta realidade descrita pela autora apresenta o modo como o poder público valoriza a formação continuada e os professores, e assim, representa a desvalorização desta classe.

Contrário a isso, a formação continuada tem a "[...] finalidade de construir um conhecimento gerado a partir das necessidades históricas, sob os aspectos das experiências de vida pessoal e profissional, e dos conhecimentos historicamente construídos, contribuindo para promover mudanças nas práticas coletivas" (MARIN et al., 2011, p.262 e 263). Indo ao encontro, Freitas expressa a importância da formação continuada de qualidade e ressalta a relevância de um processo contínuo, de condições dignas de trabalho:

A importância da formação continuada pode ser posta em duas direções: 1. como relevante para a própria atuação profissional, enquanto aprimoramento constante (político e técnico); 2. como relevante para alterar a concepção curricular das agências formadoras. [...] Estes parecem ser os elementos constitutivos básicos para a elaboração de uma política global para o profissional da educação: formação intensiva de qualidade, salário digno ou, mais amplamente, condições de trabalho digno e formação continuada (FREITAS, 1992, p. 10).

Pensar a formação continuada vai muito além de encontros de discussão entre os pares, na medida em que carregam políticas de governo enraizadas em interesses individuais e partidários, distante dos interesses coletivos dos professores, Marin expressa que:

[...] a oferta de um processo de formação continuada passa pela necessidade de compreender o movimento teórico-ideológico de luta que se expressa no contexto educacional, de maneira que possamos distinguir as ações que se apresentam como sendo defensoras dos interesses coletivos daquelas carregadas de imposições originadas pela ideologia do capital (MARIN et al., 2011, p. 261).

Atualmente, as políticas de formação de professores estão direcionadas para cursos pacíficos e de curta duração, há pouca discussão histórico-social referente à realidade do professor. Também, majoritariamente, estes cursos tem objetivo lucrativo para as empresas promotoras, até mesmo partindo da iniciativa do poder público. Feller e Duarte destacam que:

Moreira (2002) alerta para as práticas de formação continuada, organizadas na forma de eventos de curta duração, como seminários, cursos e palestras, que acabam deixando de lado um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e de reconstrução da identidade do profissional professor, tornando-se, muitas vezes, um negócio lucrativo, organizado sem preocupação com a qualidade (FELLER; DUARTE, 2005, p. 116).

Partindo do princípio de que a formação continuada de professores é o principal meio de interlocução coletiva entre o conhecimento e a reflexão da prática docente, deve haver um espaço dialógico entre universidade/escola e a garantia do poder público de um espaço organizado pelos próprios professores. Um processo discutido e construído de forma horizontal, e não imposto de cima para baixo, como afirma Marin:

O que torna possível a realização de um trabalho coletivo é o fortalecimento das

relações entre os diversos âmbitos educativos. Escola, universidade, secretarias e coordenadorias da educação, portanto, devem atuar de modo indissociável, a fim de que se possa conferir qualidade ao contexto educacional (MARIN et al., 2011, p.265)

No que se refere a reflexão e mudança no trabalho do professor a partir da discussões coletivas, Libâneo afirma que:

[...] a formação continuada pode possibilitar a reflexividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando os professores a tomarem a consciência das suas dificuldades, compreendendo-as e elaborando formas de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão mas refletir sobre elas e buscar soluções, mediante as ações coletivas (LIBÂNEO, 2004, p.227)

A formação continuada de professores se pauta pelo seu período indeterminado, não atrelado às políticas atuais. Compreende-se uma organização política de estado (município, estado, nação) e não uma política de governo, no qual cada investidora um modelo educacional é implantado desconsiderando todo legado anterior. Nele também há tensionamentos quando confrontados os interesses dos professores aos interesses da Secretaria/Coordenadoria de Educação, carregados de ideologias. Assim, de acordo com Marin e colaboradores, alguns pilares para a formação de professores são necessários:

- Necessidade de democratização do conhecimento historicamente acumulado em torno das políticas públicas e dos pressupostos que orientam a prática pedagógica.
- Necessidade de compreensão do movimento teórico-ideológico de luta que se expressa no contexto educacional, de maneira que possamos distinguir as ações que se apresentam como sendo defensoras dos interesses coletivos daquelas carregadas de imposições originadas pela ideologia do capital.
- A escola deve servir aos interesses populares, colocando-se contra a hegemonia burguesa e construindo a hegemonia da classe trabalhadora.
- Uma proposta de formação continuada não tem um período delimitado para sua conclusão, pois as ações desenvolvidas devem adquirir um caráter duradouro e contínuo e devem vigorar como parte do conjunto das práticas cotidianas tanto do contexto da escola, como da universidade.
- A Formação Continuada se estabelece por meio do exercício de luta ideológica, pois as demandas sociais, na maioria das vezes, condizem com os interesses de uma privilegiada minoria (MARIN et al., 2011, p. 261-262).

É possível afirmar que os conhecimentos não são tratados como uma receita pronta, um "colar e copiar", que nos dias atuais poderíamos denominar como modelo Ctrl+C e Ctrl+V, mas sim abordados sob uma lógica dialógica entre os conhecimentos e a realidade. Os conhecimentos devem ser adequados para o contexto para que sejam significativos para os sujeitos em formação.

A centralidade na formação continuada pauta-se segundo Rossetto et al. (2015), no "[...] fortalecimento da autonomia dos professores frente à organização do trabalho pedagógico, de modo a superar os aspectos estritamente técnicos da docência agregando também seu sentido político e orientador". É importante, nesse sentido, buscar a autonomia individual e coletiva dos professores para organizar, planejar e sistematizar espaços de estudos, pesquisa e reflexões acerca da práxis pedagógica. Este conceito de formação continuada permite uma postura de professor-estudante e professor-pesquisador a partir

da virtude de provisoriedade do conhecimento e necessidade de continuidade nos estudos além da “[...] busca de novos conhecimentos e a construção de redes de informação com outros colegas como parte da prática educativa contribuem efetivamente para transformar a escola” (RIGHI, MARIN e SOUZA, 2012, p. 881). Neste mesmo sentido, Taffarel (2010) destaca a importância dos professores se reconhecerem como intelectuais críticos preocupados com as demandas da classe trabalhadora, pois é pelo trabalho que o homem constrói e reconstrói a sociedade.

Quando abordada a importância da mudança pedagógica do professor de Educação Física no espaço escolar, isso ultrapassa o simples conhecimento sobre a área. Necessita-se investir em um processo contínuo, duradouro, reflexivo de estudo e pesquisa para uma melhor capacitação deste profissional que, muitas vezes, fica abandonado nas quadras escolares, com pouca ou sem motivação para socializar o conhecimento que foi construído historicamente. Assim Freitas (1995) compreende que “[...] torna-se cada vez mais inadiável uma ação sistemática em relação à formação dos profissionais da educação, no seio de uma política global que articule formação de qualidade, salários dignos e formação continuada”.

Com um quadro de professores altamente qualificado e fortemente motivado trabalhando em tempo integral numa única escola, estaremos formando os tão decantados conscientes, críticos, criativos, esclarecidos e tecnicamente competentes para ocupar os postos de fervilhante mercado de trabalho de um país que viria a recuperar, a pleno vapor, sua capacidade produtiva. (Saviani 2009, p.154)

Pode-se perceber que a formação continuada está distanciada da educação e consequentemente dos professores, colocando-os a mercê da precarização do trabalho e da educação. Esse processo empobrece a educação, pois cada qual faz o mesmo trabalho e de forma isolada. É necessário, a fim de desconstruir esse universo, um espaço de estudo, discussão, diálogo do conhecimento.



### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia mostra o caminho que a pesquisa foi desenvolvida, nela aponta-se a forma como os dados foram obtidos a partir do objetivo do trabalho: analisar o processo de formação continuada de professores de Educação Física que atuam na rede municipal de ensino de Santa Maria, RS, no período 2011 à 2016. A pesquisa, como trato científico, é um componente básico para a ciência e esta parte da vida cotidiana. Nesse sentido, Minayo (2013) afirma que "[...] nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática."

Esta pesquisa foi desenvolvida com professores da rede municipal de ensino de Santa Maria, sujeitos trabalhadores de um sistema que não valoriza a classe, seja pelo salário, pela estrutura física ou pelas condições de trabalho. A problematização da educação é de cunho social e remete à realidade em que estou inserida. Como participei dos encontros de formação continuada juntamente com os professores da rede, já tenho, a priori, um conhecimento mínimo sobre a realidade das escolas, contudo este não se faz limitante. Parto do conhecimento da realidade e dos diálogos com os professores para investigar as implicações no espaço escolar advindas do processo de formação continuada de professores da rede municipal de ensino de Santa Maria.

#### 3.1 CAMPO DE PESQUISA

A rede municipal de ensino de Santa Maria abrange 79 escolas, sendo 59 destas de ensino fundamental.

Cinco sujeitos foram convidados para fazer parte da pesquisa. Os critérios de seleção corresponde a maior frequência e participação e comprometimento nos encontros. Destes cinco somente um aceitou fazer parte da pesquisa. O sujeito é do sexo feminino e tem de 41 à 50 anos. Como indicado que é uma mulher, as próximas descrições já serão mencionadas no sexo feminino. É formada em licenciatura em Educação Física em uma instituição federal no ano de 1996. Após fez três especializações, uma em Educação Física Escolar, outra em Interdisciplinariedade e outra em Gestão Educacional. Trabalha na rede municipal de ensino desde 2011 com nomeação de 20 horas semanais atuando nas turmas de 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Também trabalha no Centro de Atenção Psicossocial Infantil sob coordenação da secretaria da saúde do município por mais 20 horas semanais.

### 3.2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada a partir de um estudo exploratório, apontado por Gil (2007) visa proporcionar uma visão geral de um determinado fato envolvendo “[...] (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.”

A partir do objetivo proposto, o estudo se debruçou em investigar as implicações da formação continuada de professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria no período de 2011 à 2016, totalizando 6 anos.

Neste sentido, foi realizada uma investigação no sentido de pontuar alguns sinais percebidos pelos professores da rede. Para critério de seleção dos sujeitos, primeiramente foi identificado os docentes com maior participação nos encontros de formação continuada, pois entendemos que estes estão mais inteirados dos assuntos tratados e se mantiveram mais presentes nos momentos de reflexão. Ao final totalizou cinco professores. Após a identificação dos professores, estes foram convidados para participar de uma entrevista semi-estruturada, indagando-os sobre as percepções de mudança de seu trabalho a partir do pensar crítico e as reflexões construídas no processo formativo. Somente um professor aceitou participar de tal entrevista. Foram realizados no mínimo mais três contatos mas dois não responderam e os outros dois responderam que não haviam tempo disponível. Para o professor que aceitou realizar a entrevista foi realizado um questionário com 15 questões que abordou o perfil do professor.

### 3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada a partir da coleta de informações em forma documental com informações impressas do processo de formação, e a campo com questionário e entrevista pré-agendada de local, data e horário combinados entre o pesquisador e o professor. Para participar do estudo, o sujeito assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevista foi gravada em áudio e transcritas na íntegra. Todas as informações estão disponíveis na sala 2047 do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, sob responsabilidade do professor João Francisco Magno Ribas.

#### 3.3.1 Documentos

A análise de documentos nesta pesquisa fez-se necessária pois durante esses anos de formação foram realizados registros importantes do processo. Os documentos ana-

lisados foram registrados pelos membros do GPELF, hoje membros do GEP - Brasil, e armazenados no GEP.

A definição de documento é ampliada para Appolinário (2009, p. 67) que conceitua como "Qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens, entre outros." Além de manuscritos próprios, foram utilizados relatórios, documentos produzidos pelos integrantes do GEP, as Orientações Curriculares para o ensino fundamental de Santa Maria, assim como imagens e registros audiovisuais sonoros. Muitos destes se encontraram comprometidos para a identificação dos sons.

A seguir, uma síntese, dos 39 encontros de formação continuada durante os seis anos, cada encontro teve duração de aproximadamente 4 horas.

No período de 2011, foi desenvolvido o PROEXT em seis encontros, sendo cinco específicos da área de Educação Física e um encontro geral de todas as áreas. Aproximadamente participaram dos encontros entre 20 à 25 professores da rede. A seguir a descrição e discussão tratados nos encontros:

07 de novembro: Apresentação do PROEXT, organização do cronograma de encontros e dinâmica do semáforo (VERMELHO significa os problemas que os professores enfrentam nas escolas, o que deve ser dado mais atenção e dificuldades de diversos âmbitos; AMARELO está relacionado a questões preocupantes na escola e que dever ser revistas; e o VERDE corresponde aos aspectos bons e que devem continuar). Foi dividido os professores presentes em três grupos, cada grupo ficou responsável por discutir e sistematizar uma cor do semáforo.

08 de novembro: Discussão do filme Escritores da Liberdade e sistematização inicial dos conteúdos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

22 de novembro: Discussão do texto A prática pedagógica da Educação Física: conhecimento e especificidade de Valter Bracht e após conversa com o autor.

30 de novembro: Neste encontro os professores solicitaram a continuidade dos encontros de formação continuada, também solicitaram para a SMEd enviar uma convocação para todos os professores da rede e para as direções das escolas.

14 de dezembro: Avaliação e encerramento do PROEXT com todas as áreas.

Em 2012 foram realizados 10 encontros, majoritariamente mensais, intercalando um encontro de manhã e outro a tarde na EMAI. Neste ano a frequência de professores por encontro ficou entre 15 à 20 professores. A seguir a síntese dos encontros do ano:

15 de março: Organização do calendário para o primeiro semestre de 2012. Ficou definido em realizar um encontro mensal nas quartas-feiras, intercalando uma manhã e uma tarde, para contemplar os professores que atuam nos dois turnos.

27 de março: Conversa com a professora Gisele da SMEd, os pontos centrais da discussão foram: debate sobre o contra-turno da Educação Física onde alguns professores

justificaram a permanência pois somente quem tem interesse participa, outros foram contra essa lógica pois enfraquece a área e os professores ficam isolados dos professores do turno. Outro ponto discutido foi as questões legais da aposentadoria. Por ser um encontro diferenciado, os professores avaliaram de extrema relevância pois trata de administrativas para todo corpo docente. E que deve-se ter garantido espaços desta temática.

25 de abril: Diretrizes curriculares do município de Santa Maria, análise do documento.

24 de maio: Lei de diretrizes e bases da educação nacional da educação básica

19 de junho: Pedagogia do esporte

06 de julho: Avaliação do semestre e confraternização. Esta avaliação está descrita no próximo capítulo.

31 de agosto: Organização do semestre

26 de setembro: Abordagens pedagógicas da Educação Física

01 de novembro: Abordagens pedagógicas da Educação Física

26 de novembro: Sistematização abordagens pedagógicas da Educação Física

Em 2013 foi desenvolvido dois encontros pois neste período houve contratemplos na secretaria. O número de professores presentes foi equivalente ao ano anterior.

25 de setembro: Apresentação da proposta curricular pela SMEd das Orientações curriculares do município de Santa Maria.

27 de novembro: Discussão da proposta curricular e aplicação do questionário do perfil dos professores do município.

Em 2014 foram realizados 8 encontros, todos desenvolvidos no turno da manhã, todos os encontros foram discutidas as orientações curriculares do município de Santa Maria. Primeiramente o perfil dos professores, após a definição de Educação Física. A partir deste ano, o número de participantes foi oscilando entre 5 à 15 professores.

Em 2015 foram realizados 9 encontros os quais deram continuidade no documento das Orientações Curriculares do município de Santa Maria, neste ano foi revisado toda a proposta para encaminhar a versão final a prefeitura. Na avaliação final os professores solicitaram para que houvesse oficinas de atividades que não são realizadas com frequência. Ver anexo A.

No ano de 2016 foi organizado um cronograma de oficinas. A avaliação final dos professores foi positiva com relação as oficinas pois aproximou a realidade a prática. Houve a participação de, aproximadamente 10 professores em cada oficina.

22 de junho: Oficina de rugby, os professores presentes não tinham conhecimento das regras e de como trabalhar este esporte. Os professores acharam a oficina muito importante pois agrega mais um conhecimento dentro dos esportes.

13 de julho: Oficina de atividades circenses, foi enfatizado os movimentos ginásticos e após experienciaram alguns objetos específicos da ginástica.

10 de agosto: Oficina de jogos tradicionais, a partir dos jogos Kubb, varetas gigante,

jogo da malha, construção da peteca.

### **3.3.2 Questionário**

O questionário é um instrumento de levantamento de informações objetivas de modo a serem bem compreendidas pelo pesquisador, evitando provocar dúvidas e ambiguidades nas respostas. Conforme Severino (2007) no questionário "as questões devem ser pertinentes ao objetivo e claramente formuladas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas."

O instrumento foi aplicado ao professor anterior a entrevista com o objetivo de conhecer o sujeito pesquisado. Este meio tem o propósito de compreender o perfil do professor entrevistado com relação ao tempo de formação, tempo de trabalho como professor da rede, condições estruturais e materiais de trabalho, turmas que atua.

### **3.3.3 Entrevista semiestruturada**

A entrevista é um procedimento importante na pesquisa qualitativa de coleta de informações. Nela ocorre uma conversa a fim de construir informações relevantes para a pesquisa e o entendimento do problema exposto. Para Minayo (2013) a entrevista "tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objetivo de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo."

O mesmo autor aponta também que a entrevista semi-estruturada "combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada." As perguntas (APÊNDICE 2) terão três eixos centrais que nortearão a entrevista: Bloco 1: Trabalho Pedagógico; Bloco 2: Formação Continuada; Bloco 3: Repercussões da Formação Continuada no Trabalho Pedagógico.

A entrevista será realizada com os sujeitos individualmente em local a ser combinado. Ao iniciar será exposto o objetivo do trabalho e as temáticas as quais serão abordadas no decorrer da entrevista, sendo elas: conhecimento e especificidade da Educação Física, concepções críticas e não-críticas da Educação Física, orientações curriculares da Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria, oficinas curriculares. Também será exposto antes de cada bloco de perguntas uma explicação e o objetivo de cada bloco.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada a partir das temáticas orientadoras, isto é, das bases teóricas que apoiam o trabalho. É compreendida pela triangulação dos dados obtidos da coleta de informações com as produções científicas da área.

Para a análise foi organizado a divisão dos dados a partir das três categorias debatidas no início do trabalho, sendo elas: trabalho, formação e implicações, assim, todo o material extraído resulta nesta organização.

Tabela 3.1 – Tabela Formação Continuada

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA 2011 À 2016					
N.º	ANO	DATA	HORÁRIO	LOCAL	TEMA DO ENCONTRO
01	2011	07/11	13h30min	EMAI	PROEXT
02.		08/11	13h30min	EMAI	Educação Física
03.		22/11	8h30min	EMAI	Conversa com Valter Bracht
04.		22/11	13h30min	EMAI	Conhecimento e especificidade
05.		30/11	13h30min	EMAI	Conhecimento e especificidade
06.		14/12	19h	EMAI	Avaliação do PROEXT
07.	2012	15/03	8h30min	EMAI	Organização do semestre
08.		27/03	14h	EMAI	Secretaria de educação
09.		25/04	8h30min	EMAI	Diretrizes da RMESM
10.		24/05	14h	EMAI	LDBEN
11.		19/06	8h30min	EMAI	Pedagogia do esporte
12.		06/07	10h	CEFD	Avaliação e confraternização
13.		31/08	14h30min	EMAI	Organização do semestre
14.		26/09	14h30min	EMAI	Abordagens pedagógicas da EF
15.		01/11	8h	EMAI	Abordagens pedagógicas da EF
16.		26/11	13h30min	EMAI	Abordagens pedagógicas da EF
17.		07/12	14h	EMAI	Abordagens pedagógicas da EF
18.	2013	25/09	8h30min	CACISM	Diretrizes curriculares pela SMED
19.		27/11	8h30min	PMSM	Perfil dos professores da rede
20.	2014	30/04	9h	SCSM	Concepção de Educação Física
21.		28/05	9h	SCSM	Concepção de Educação Física
22.		25/06	9h	SCSM	Eixos norteadores
23.		16/07	9h	SCSM	Eixos norteadores
24.		08/10	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
25.		15/10	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
26.		22/10	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
27.		11/11	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
28.	2015	29/04	8h30min	SINPROSM	Práticas introjetivas
29.		27/05	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
30.		24/06	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
31.		15/07	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
32.		29/07	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
33.		09/09	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
34.		16/09	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
35.		23/09	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
36.		21/10	8h30min	Clube Comercial	Orientações curriculares
37.	2016	22/06	8h30min	EMEFDC	Oficina de rugby
38.		13/07	8h30min	EMEFDC	Oficina de atividades circenses
39.		10/08	8h30min	EMEFDC	Oficina de jogos tradicionais

## 4 REPERCUSSÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Este capítulo se concretizou, a partir do principal objetivo deste estudo, o qual buscou *analisar as repercussões da formação continuada dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria, RS, no período de 2011 a 2016*. Organizamos esta seção de forma que sejam apresentados, de início, o entendimento de trabalho, tratado pelos professores, para posteriormente abordar os conceitos de formação continuada, culminando com as implicações da formação no trabalho dos professores.

Conforme descrito na metodologia, utilizamos para a análise os documentos em forma de manuscritos, imagens, audiovisuais, entrevista e transcrição do último encontro realizado 2016 o qual se refere a avaliação da formação continuada correspondente ao período de 2011 à 2016. Compreendemos a recorrência nas falas dos professores como dados relevantes para análise e compreensão do sentido concedido ao trabalho. Todos os recursos utilizados têm o propósito de alcançar o objetivo deste trabalho, portanto não iremos pontuar cada questão da entrevista mas sistematizá-las como um todo.

Alguns manuscritos não constam a identificação dos professores, portanto algumas falas não serão identificadas, já aquelas em que sabemos de quem se trata, serão denominadas de professor e professora dependendo do sexo.

### 4.1 COMPREENSÕES DE TRABALHO

Esta análise parte da compreensão de trabalho trazida pelos professores a partir dos encontros de formação continuada. Iniciamos a discussão sobre trabalho com a afirmação de Taffarel (2010, p. 20-21):

O trabalho não significa somente uma ação humana. É muito mais do que isto. É um ser humano, com suas condições físicas, biológicas, psicológicas e sociais que realiza um intercâmbio com a natureza, transformando-a e sendo transformado por ela, gerando a cultura.

Assim como o trabalho não é somente uma ação humana; o trabalho pedagógico não significa somente a aula, contudo compreende o todo. Corresponde um tempo para planejar, estudar, discutir entre pares, pesquisar, avaliar. Compreende também todas as questões envolvidas com o entorno escolar, questões sociais, políticas e econômicas.

O sistema capitalista nos coloca refém do tempo e cada vez mais atrelados à mecanização do trabalho, num processo de produção. A educação está subordinada a este sistema que leva à precarização das condições de trabalho do professor. Quando observamos a carga horária de um professor de 20 horas semanais, nas quais 16 horas são de aula e 4 horas de planejamento, sinalizamos uma de tantas situações de precarização que



os professores enfrentam. É humanamente impossível planejar 16 horas semanais, participar de reuniões pedagógicas, formação continuada, avaliar as aulas e alunos, realizar trabalhos burocráticos, entre outros tantos trabalhos, em apenas 4 horas. Adicionado a isto, temos a desvalorização salarial, a precarização estrutural e material das instituições de ensino, a superlotação das salas de aula. Confirmamos esta questão com a fala de uma professora durante o processo de formação: "O único tempo para estudar é no projeto". O sistema dificulta os momentos de formação na vida do professor.

A precarização do trabalho do professor agride todo o sistema educacional, tornando-o frágil e insuficiente. Estas discussões não são recentes, são constantes e tendem a crescer. São questões que cercam desde a formação até o trabalho pedagógico, questões materiais, políticas, de organização do ensino. Com a influência dos organismos internacionais, acentua-se o agravamento das questões econômicas e políticas no ensino (SAMPAIO E MARIN, 2004).

Visto a importância e necessidade de tempo para o planejar, outra professora enfatiza que o trabalho de todo professor

envolve pesquisa, a gente pesquisa, a gente lê, daí vai adaptando o que tem na literatura, o que tem na internet para a realidade deles, e também instigando um pouquinho e também deixando sempre um questionamento para eles. (PROFESSORA)

Podemos perceber, na fala da professora, que o entendimento sobre o trabalho, ultrapassa as quatro paredes da escola, compreende todo o trabalho extraclasse que envolve pesquisa, leitura, reflexões, participação de reuniões, organização de materiais didáticos. Com relação ao tempo,

O trabalho dos professores, por sua especificidade, por lidar com o conhecimento e a linguagem, que não são elementos materializados, tem as condições históricas, culturais, sociais e as contingências dos sujeitos envolvidos, sejam estudantes como intervenientes. Assim, contrariamente ao que se pensa, não é regulando o tempo que se garante haver a produção do conhecimento, mas, ao contrário, investindo na produção do conhecimento se pode alterar o tempo. Portanto, a produção dos professores, o produto final, o conhecimento acontece com uma quantidade de tempo que é variável, subjetiva e em acordo com cada sujeito do processo. (FERREIRA, 2010, p. 213.)

O "[...] desejo humano de mudança e transformação", expressado por um professor na avaliação ainda no primeiro semestre de 2012 sinaliza, frente a todas dificuldades e desafios encontrados, uma perspectiva de transformação da realidade escolar.

As cores vermelho, amarelo e verde expressam desde as dificuldades até as facilidades elencadas pelos professores no primeiro ano de formação. A proposta fez uma analogia as cores de um semáforo, compreendendo os obstáculos representados pela cor vermelha, as facilidades pela cor verde e o que está se tornando uma dificuldade pela cor amarela.

Ao observarmos o semáforo vermelho identificamos questões próprias da área, como a compreensão do papel da Educação Física; questões referentes ao compromisso

público no que se refere a estrutura e condições de trabalho; e questões de cunho social como desestruturação familiar, agressividade e violência. Este grupo compreende as dificuldades e problemas encontrados no dia-a-dia do trabalho dos professores.

O semáforo da cor amarela revela aquelas situações apontadas pelos professores como intermediárias, colocando-as a ponto de chegar ao sinal vermelho. A primeira pontuada foi a motivação dos alunos e professores que, frente a todos os problemas enfrentados na educação, acabam se desmotivando e levando a um esgotamento profissional. Santini (2004), em pesquisa desenvolvida com professores da rede municipal de Porto Alegre, constatou que as limitações da formação acadêmica, associadas à realidade das escolas, desencadeiam estresse e exaustão emocional, e que a prática marcada por sentimentos negativos comprometem a qualidade do trabalho quando acumulado com o passar do tempo. Outros elementos que devem ser repensados foram referentes à formação continuada, a necessidade de espaços de discussões pedagógicas entre as redes, aqui compreende ao diálogo entre a rede municipal e estadual de educação, para que seja proporcionado mais espaços constantes e coletivos a partir dos desejos das redes.

Por fim, o semáforo verde representa o que motiva o professor a continuar o seu trabalho frente todas as dificuldades que encontra. Os apontamentos se referem ao reconhecimento da área e às relações com os alunos serem positivas. Outro ponto que não foi apontado pelos professores, mas que acreditamos que mantém e incentiva o professor na área, é a estabilidade financeira por estar em um concurso público. Compreendido como um processo autônomo do professor frente a redes particulares de ensino.

Para a professora entrevistada o trabalho é "[...] aprender e ensinar, estar em relações com alunos, com os colegas, com a gestão da escola, com a comunidade", na fala percebemos uma concepção ampliada de trabalho desenvolvido nas esferas sociais.

O trabalho do professor de Educação Física transpassa a escola, abrange também a necessidade de um profissional da área nos órgãos públicos municipais, para estreitar e facilitar a comunicação entre os docentes e a secretaria de educação. Podemos perceber na fala de uma das professoras que quando

tinha um supervisor de Educação Física, coordenador, supervisor da Educação Física, então eu acho que as coisas funcionavam, em questão de recursos materiais, até atividades, jogos das escolas municipais, jogos lá nas Dores né, eu acho que, porque que acontece assim agora, as escolas municipais elas participam para participar dos jogos do JESMA direto, só que daí o que limita um pouco as escolas, o que tu te depara com escolas altamente com condições né, [...]. Então eu acho que seria importante essa sugestão mesmo ser dada né que tivesse, que voltasse essa essa pessoa né, e que também fosse um profissional da área de Educação Física, não adianta colocar alguém de outra área que não sabe exatamente como que funciona lá na realidade da escola. (PROFESSOR)

Esse professor da área na secretaria compete também, dialogar com os docentes da rede, pois frequentemente surgiam inúmeras reclamações que a secretaria de educação não repassava o convite para a escola ou a escola não informava o professor.

Tinha os seminários, e muitas vezes até as experiências da gente eram utiliza-

das nesses seminários, porque eu vejo assim ó, eu sou uma que dificilmente eu falto, eu só falto quando eu não recebo o aviso e na nossa escola é nos passado sempre, então alguma coisa não chegou lá na escola. Hã. Destas oficinas que vocês participaram que eu não participei, ela também não recebeu, eu acho que não foi uma ligação que faltou da direção da escola com o professor de Educação Física, não chegou lá na escola, porque tudo que chega na escola, diretamente é nos passado, é colocado no mural, nós temos um grupo nosso no whatsapp dos anos finais e um dos anos iniciais, as coordenadoras passam direto para o wats para a gente, não ter perigo de ninguém ficar sem saber, então assim ó, o que que houve, acho que o problema não foi direção escola, direção professor, mas na hora de se passar não chegou na escola e aí a gente acaba perdendo né, foram oficinas que pelo que a colega colocou bem legais, e a gente acaba perdendo né, isso facilitaria, como ele disse, esse contato. (PROFESSORA)

Uma concepção ampliada compreende a complexidade do trabalho do professor. Esta complexidade infere nos conhecimentos da área, que é de responsabilidade do professor de Educação Física.

#### 4.2 COMPREENSÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Nesta seção podemos observar a compreensão de formação continuada assim como a percepção com relação ao processo formativo desenvolvido no período de 2011 a 2016.

A história da Educação Física brasileira percorreu um caminho que vai deste uma concepção prática puramente técnica, até a teoria a qual critica o praticismo. O entendimento de Educação Física não é absolutamente uma nem outra, mas que compreenda numa relação praxica de ambas. Assim comenta um professor:

a gente era muito técnico né, depois eu acho ficou muito teórico, deixou um pouco dessa parte técnica, então as duas partes acho que tem que entrar num entendimento né, porque as duas coisas. (PROFESSOR)

A fala do professor, parece expressar o caminho que a Educação Física vem construindo no campo acadêmico. Porém, o distanciamento na área educacional das discussões acadêmicas está sendo diminuído pelas formações existentes na área. São esses laços que devem ser amarrados e as distâncias diminuídas entre a escola e a universidade, conforme podemos perceber no trabalho de Santos (2013) ao analisar as ações de extensão universitária na formação continuada.

Os espaços de formação, sem período de finalização, proporcionam avanços frente aos cursos de formação continuada esporádicos e curtos, pois os professores, ao chegarem ao seu espaço de trabalho não encontram suporte de continuidade e estes acabam sendo abandonados. Já em programas formativos à longo prazo, no qual são parte integrante e discutem o seu trabalho, tendem a fortalecer pois as dificuldades do dia-a-dia são discutidas e assim é possibilita a autonomia do professor frente aos problemas diários.

O importante é encontrar na reflexão, na discussão e nos estudos as possíveis

soluções das dúvidas e dificuldades surgidas do trabalho. A formação continuada não é uma receita de bolo para ser aplicada tal e qual. A fala da professora a seguir expressa o sentido que a formação teve para ela:

não disse como, eu fui achando como, e acho que está dando certo sabe, deixa algumas marcas. [...] faz a gente repensar a prática pedagógica do nosso cotidiano. (PROFESSORA)

Dentre todas dificuldades, a rede iniciou a construção de uma demanda dos professores que correspondeu a elaboração das Orientações curriculares para o ensino fundamental. A ideia inicial da SMed era finalizar em um ano, porém construir uma proposta curricular demanda tempo, estudo, pesquisa e participação dos professores, pois são eles os principais autores da obra. Foram três anos de envolvimento de professores, universidade e secretaria de educação. Os encontros tiveram pouca adesão dos professores, por outro, desencadeava discussões e debates de concepções de Educação Física e na relação dos conteúdos por ano. Percebemos, no discurso dos professores, a hegemonia do conteúdo esportes, neste caso a importância dos quatro esportes coletivos e, muitas vezes, a negação dos outros conhecimentos pertencentes a Educação Física.

Assim como em Santa Maria, outras redes tiveram o apoio da universidade para a construção de orientações curriculares, como é o caso do município de Bauru (2013) que durante um período de três anos de estudo e discussões chegaram a um sistematização coletiva de um currículo comum. Outro documento construído coletivamente é do estado de Pernambuco em 2013. Estes momentos rompem com os documentos já existentes que são impostos para os professores, de cima para baixo, sem uma formação mínima adequada.

As lutas coletivas revigoram a classe dos professores, pois muitas conquistas partem do grupo, das discussões entre os pares. Os professores destacaram a importância da coletividade quando comentaram: "individualmente eu já desisti, só se for no coletivo" e há "necessidade de mobilização dos professores em busca de melhores condições de trabalho." Essas falas expressam a relevância deste espaço para a qualificação do trabalho dos professores.

### 4.3 REPERCUSSÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Para finalizar, analisaremos as repercussões da formação continuada no trabalho pedagógico dos professores. Para esta etapa tivemos como fonte de informações: os registros escritos dos encontros de formação, a transcrição da entrevista da professora, a transcrição da avaliação final referente ao período de 2011 a 2016. Todos estes documentos trazem importantes apontamentos para serem tratados nesta seção.

As avaliações dos professores dos encontros de formação continuada compreende-

ram importantes indicativos conforme observamos na tabela acima. Nela podemos perceber a concepção dos professores. São conceitos relacionados ao trabalho, a importância da coletividade, da continuidade das reflexões e dos encontros, da relação com a universidade.

Segundo Righi, Marin e Souza (2012), "A busca de novos conhecimentos e a construção de redes de informações com outros colegas como parte da prática educativa contribuem efetivamente para transformar a escola". Percebemos que algumas ações já estão sendo repensadas quando, na fala, o professor afirma que está reorganizando o seu trabalho. Esse é o papel da formação continuada, fazer com que o professor discuta, reflita e reconstrua o trabalho pedagógico.

eu trabalhava os 4 esportes nos anos finais, então dividia bem o ano naqueles 4 esportes, iniciada a formação eu comecei a dizer não pode ser só isso, eu trabalhava técnica exclusivamente então era voleibol, então começava desde o início, bem técnica, do saque, da manchete, do rodízio, assim bem técnica, depois fui me permitindo com a formação, fui me apropriando sabe, repensando outras possibilidades, e hoje eu digo que estou sem amarras nenhuma até não é que eu deixo a técnica de lado mas não é o meu olhar, e não trabalho só os 4 esportes, trabalho muito além, muito, muito, muito, que as vezes eu penso que as vezes as pessoas ou quem está de fora, mas meu Deus, ela está só passeando com os alunos, para cá ou para lá, mas na verdade para mim eu tenho o meu objetivo sabe, então eu faço muitas coisas com eles, o que eu posso fazer eu faço, e a gestão e a coordenação da escola apoiam e gostam e vou em frente. (PROFESSORA)

No que se refere às concepções pedagógicas da Educação Física, verificamos um certo distanciamento teórico frente às abordagens, isso se reflete ao período de formação dos professores e ausência na continuidade em cursos de pós-graduação. Consequentemente percebemos dificuldades em definir a área e seus conteúdos para a elaboração das orientações curriculares.

Os professores percebem um distanciamento entre a concepção na forma de teoria e a prática desta teoria, como exposto na fala: "eu posso acreditar em uma concepção, mas na prática o fazer é outra coisa". Fica perceptível a premência de tempo e espaço de estudo para que está distância entre o acreditar em uma concepção e a prática, apontada pelos professores, possa ser diminuída.

Com relação à construção coletiva das Diretrizes Curriculares Municipais, percebemos na consolidação de um evento, em forma de oficinas, organizado para os professores e alunos da rede que abrangesse alguns conteúdos do documento. O evento partiu de um sentido contrário ao habitual, da necessidade dos professores para a secretaria de educação. A avaliação feita pelos professores compreende a escassez de momentos em que os professores possam discutir o seu trabalho e propor novas ideias, que eles sejam os porta-vozes da área.

A formação de professores, no cenário vigente, nos remete à atual formulação das políticas impostas e pela forma como o governo está organizado-a como modo de produção. Observa-se nesse conjunto de formulações que as necessidades são marcadas e impostas pelas atuais organizações, corroborando para uma esfera de massa e para

que a mesma seja desorganizada e desunida. Propostas como estas, comprometem e desqualificam a educação e todo o sistema que compreende e engloba os atuais sujeitos trabalhadores desta nação.

Não é de hoje que as discussões sobre formação continuada vem sendo problematizadas na rede, Santos (2007) apontou, em trabalho desenvolvido com a rede municipal de Santa Maria, a necessidade de um tempo específico de formação para os professores, porém de lá para cá pouco foi feito para que viesse a contribuir para a rede.

Assim, a produção do conhecimento mais elaborado compreende o que de mais avançado foi construído até o presente momento. E a formação de professores é marcada por transformações na reorganização do conhecimento, tanto nas teorias da educação quanto no meio escolar.

As implicações da formação continuada de professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria está se revelando lentamente mas com avanços significativo de um trabalho desenvolvido pelos professores da rede. Busca-se avançar na luta pela permanência e ampliação deste espaço que é de todos.

Não é de hoje que as discussões sobre formação continuada vem sendo problematizadas na rede, Santos (2007) apontou, em trabalho desenvolvido com a rede municipal de Santa Maria, a necessidade de um tempo específico de formação para os professores, porém de lá para cá pouco foi feito para que viesse a contribuir para a rede.

## 5 CONCLUSÃO

Depois de analisarmos desde as relações do trabalho e educação, perpassando por questões de formação de professores, formação de professores em Educação Física até a formação continuada e, em específico, a formação continuada de professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria, pontuaremos elementos centrais discutido neste trabalho.

As implicações da formação continuada de professores se manifestaram em passos iniciais, mesmo com um reduzido tempo disponível do professor em todo o processo, ou seja, o tempo de formação do professor era dividido com outras tarefas como planejamento de aula, reuniões e outras atividades a serem solicitadas pela escola. Assim diante deste obstáculo, percebemos o esforço dos professores em participar dos encontros de qualificação do seu trabalho, compreendido como um espaço importante da formação.

Algumas mudanças foram feitas a partir do grupo de professores. Uma delas diz respeito a implementação da quarta-feira como dia comum para planejamento e concomitante para a realização mensal de formação continuada de professores de Educação Física, o qual estendeu-se a ideia para outras áreas de ensino. Outra compreende a construção inicial das orientações curriculares pelos próprios professores da rede. Ambas sinalizaram marcas importantes deixadas a rede durante este período de trabalho.

A formação continuada de professores assume o papel de qualificar o trabalho, e compreendemos que este universo é próprio dos professores. Consiste um espaço que parte da realidade do professor para discussões, reflexões e estudos consistentes do trabalho, num processo de ir e vir da práxis pedagógica. São as lutas coletivas e sustentadas que garantem ao professor a melhoria de todo o meio educacional, não restringindo a um ou outro, mas um ganho da rede como um todo. A importância desse processo contínuo e de cunho participativo dos professores na organização dos encontros compreende um diferencial frente propostas de formação fragmentadas.

Outro importante ponto problematizado nos encontros foi a implementação de carga horária específica para formação continuada. Compreendemos urgente e necessário este tempo específico incorporado na carga horária de trabalho. Com isso, a secretaria de educação do município já percebendo a importância que têm este espaço, deve reorganizar a carga horária do professor para a qualificação de todo o corpo docente.

A culminância deste processo formativo se concretizou com a organização do festival de Educação Física da rede municipal a partir das diretrizes curriculares. Uma forma de auxiliar os professores em conteúdos menos usuais e que necessitassem de auxílio de profissionais da área. Compreendemos fundamental a organização de eventos, tanto para professores quanto para alunos, que partam da proposta/realidade pedagógica do professor.

Não queremos que os grupos pensem isoladamente, pois a educação não compete somente a um âmbito, desejamos que essa relação se fortifique para diminuir a distância existente entre estes âmbitos educacionais. Assim, busca-se com a formação continuada uma mudança na práxis pedagógica e uma autonomia e sustentação do trabalho do professor.

Contudo, visto da importante relação entre universidade, escola e secretaria de educação para discussões coletivas do meio escolar, finalizamos este trabalho deixando ainda algumas inquietações que foram surgindo ao longo das reflexões: A rede municipal de ensino de Santa Maria tem essa tríade próxima. E as redes que não possuem a universidade, por exemplo, como membro atuante, como esta distância poderia diminuir para qualificar o trabalho de formação? Que metodologia poderia ser desenvolvida para aproximar esta distância?



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

BAURU. Secretaria de Município da Educação de Bauru. **Currículo Comum para o Ensino Fundamental Municipal de Bauru**. Bauru: [s.n.], 2013.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno Cedes**, n. 48, p. 69–88, 1999.

\_\_\_\_\_. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, SciELO Brasil, v. 19, n. 48, p. 69–88, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei n. 9394/96**. Brasília: [s.n.], 1996. Resolução CNE/CES n. 7, de 31 de mar. 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Educação Física, em nível superior graduação plena. p.1-6.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Plano Nacional de Educação: lei n. 13.005/14**. Brasília: [s.n.], 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>. Acesso em: 09 jan. 2015.

CASTELLANI, L. F. et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2013.

CRISTINO, A. P. d. R.; KRUG, H. N. Um olhar crítico-reflexivo sobre a formação continuada de professores de educação física da rede municipal de ensino de santa maria (rs). **Movimento**, n. 01, p. 63–83, 2008.

FELLER, E. L.; DUARTE, J. d. S. Formação inicial e continuada de professores. In: ANTUNES, H. S. (Ed.). **Práticas educativas: repensando o cotidiano dos(as) professores(as) em formação**. Santa Maria: UFSM, 2005.

FERREIRA, L. S. O trabalho dos professores na escola: quando o tempo se trai. **Revista Histedbr**, p. 206–222, 2010.

FERREIRA, L. S.; RIBAS, J. F. M. Trabalho de professores na escola como práxis pedagógica. **Revista Movimento**, v. 20, n. 01, p. 125–143, 2014.

FREITAS, L. C. de. Em direção a uma política para a formação de professores. **Em Aberto**, Brasília, n. 54, 1992.

\_\_\_\_\_. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papi-rus, 1995.

FRIZZO, G. Trabalho pedagógico: conceito central no trato do conhecimento da pesquisa em educação. **Trabalho Necessário**, n. 6, 2008.

GAMBOA, S. S. Teoria e prática: uma relação dinâmica e contraditória. **Revista MObtrivência**, v. 07, n. 08, p. 31–45, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoria e da prática: uma relação dinâmica e contraditória. In: **V Colóquio de Epistemologia da Educação Física**. [S.l.: s.n.], 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. [S.l.]: Atlas, 2007.

GUNTHER, M. C. C. **Formação permanente de professores de Educação Física na Rede Municipal de Porto Alegre, no período entre 1989 a 1999: um estudo a partir de quatro escolas da rede**. Dezembro 2000. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Dezembro 2000.

IMBERT, F. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília: Plano, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARIN, E. C. et al. Formação continuada em educação física: Relação entre mundo do trabalho, políticas educacionais e educação. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 17, n. 2, p. 259–278, 2011.

MINAYO, M. C. d. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. [S.l.]: Petrópolis, 2013.

NORA, D. D. **O Trabalho Pedagógico no PIBID - "Cultura esportiva na escola" e suas repercussões para a Formação Inicial em Educação Física**. Abril 2015. Tese (Doutorado) — Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Abril 2015.

NORONHA, O. M.; SALESIANO, C. U. Práxis e educação. **Revista HISTEDBR on-line, Campinas**, n. 20, p. 86–93, 2005.

OLIVEIRA, D. R. A formação continuada de professores de primeiro ano do ensino fundamental de nove anos e os desafios ao trabalho pedagógico. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2011.

PARLEBAS, P. **Juegos, deportes y sociedades: léxico de praxiología motriz**. Madrid: Paidotribo, 2001.

Pernambuco. Secretaria de Educação. **Parâmetros para a educação básica do estado de Pernambuco**. Pernambuco: [s.n.], 2013.

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? **Cadernos de Pesquisa**, n. 94, p. 58–73, 2013.

RIGHI, M.; MARIN, E. C.; SOUZA, M. d. S. Formação continuada: entendimentos e vivências dos professores de educação física no contexto do governo estadual (RS) gestão 2007/2010. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, scielo, v. 34, p. 875–890, 12 2012. ISSN 0101-3289. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32892012000400006&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892012000400006&nrm=iso)>.

ROSSETTO, G. A. d. S. et al. Professores da rede municipal de ensino de santa maria/rs: Relato de processo de formação continuada. **Revista Kinesis**, v. 33, p. 14–23, 1 2015. ISSN 2316-5464.

ROSSI, F. **Implicações da formação continuada na prática pedagógica do (a) professor(a) no âmbito da cultura corporal do movimento**. Fevereiro 2013. Tese (Doutorado) — Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Fevereiro 2013.

SAMPAIO, M. D. M. F.; MARIN, A. J. A precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Revista Educação e Sociedade**, p. 1203–1225, 2004.

SANTA MARIA. Secretaria de Município da Educação. **Diretrizes Curriculares Municipais**. Santa Maria: [s.n.], 2011.

SANTINI, J. **A síndrome do esgotamento profissional : o "abandono" da carreira docente pelos professores de educação física da rede municipal de ensino de Porto Alegre**. 2004. Dissertação (Mestrado) — Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

SANTOS, E. A. G. d. **A dinâmica de ações extensionistas na formação continuada de professores municipais de Santa Maria/RS: a tessitura de processos formativos**. Março 2013. Tese (Doutorado) — Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Março 2013.

SANTOS, M. E. G. **Formação continuada de professores e desenvolvimento institucional de escolas públicas: articulações, dificuldades e possibilidades**. Junho 2007. Dissertação (Mestrado) — Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Junho 2007.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, n. 40, p. 143–155, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. [S.l.]: Cortez, 2007.

TAFFAREL, C. N. Z. Do trabalho em geral ao trabalho pedagógico: contribuição ao debate sobre o trabalho pedagógico na educação física. **Motrivivência**, n. 35, p. 18–40, 2010.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS, C. d. L. J. Formação humana e formação de professores de educação física: para além da falsa dicotomia licenciatura x bacharelado. In: TERRA, D. V.; JÚNIOR, M. S. (Ed.). **Formação em Educação Física e Ciências do esporte: políticas e cotidiano**. São Paulo: Hucitec, 2010.

TANCREDI, R. M. S. P. Políticas públicas de formação de professores: o pibid em foco. **Exitus**, n. 1, p. 13–31, 2013.

VAZ, F. A. B.; GISI, M. L. As interferências nas políticas educacionais do Brasil no final do século XX e na primeira década do século XXI: o banco mundial, FMI e OMC em questão. **X Educere**, p. 6073–6089, 2011.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofía de la praxis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Filosofía de la praxis**. 3. ed. México: Grijalbo, 1980.

WELTER, J.; SAWITZKI, R. L. As implicações do subprojeto cultura esportiva da escola - pibid/edf para a formação inicial em educação física. **Motrivivência**, n. 43, p. 262–276, 2014.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO

PROFESSOR:

### 1. Sexo

- Feminino
- Masculino

### 2. Idade

- Até 25 anos
- De 26 a 30 anos
- De 31 a 40 anos
- De 41 a 50 anos
- De 51 a 60 anos
- Mais de 60 anos

### 3. (MÚLTIPLA ESCOLHA) Sou formado(a) em:

- Licenciatura em Educação Física
- Bacharelado em Educação Física
- Outro: \_\_\_\_\_

### 4. (MÚLTIPLA ESCOLHA) Ano de formatura

- Licenciatura em Educação Física \_\_\_\_\_
- Bacharelado em Educação Física \_\_\_\_\_
- Outro: \_\_\_\_\_

### 5. Meu nível superior é em:

- Instituição federal
- Instituição estadual
- Instituição particular

### 6. (MÚLTIPLA ESCOLHA) Realizou ou está realizando estudos de pós-graduação? Se afirmativo qual curso e em que área.

- Especialização: \_\_\_\_\_
- Mestrado: \_\_\_\_\_
- Doutorado: \_\_\_\_\_
- Pós-doutorado: \_\_\_\_\_
- Não realizei estudos de pós-graduação

**7. Trabalho como professor(a)**

- Menos que 05 anos
- De 05 a 10 anos
- De 11 a 20 anos
- De 21 a 30 anos
- Mais de 30 anos

**8. (MÚLTIPLA ESCOLHA) Rede de ensino que atuo**

- Municipal
- Estadual
- Particular
- Outra: \_\_\_\_\_

**9. Ano de ingresso como professor(a) na Rede Municipal de Ensino de Santa Maria**

\_\_\_\_\_

**10. Trabalhou como professor em outra Rede de Ensino, anteriormente ao ingresso na Rede Municipal de Ensino?**

- Sim. Por quanto tempo? \_\_\_\_\_
- Não

**11. Carga horária atual como professor da Rede Municipal de Ensino**

- 10 horas
- 20 horas
- 30 horas
- 40 horas
- Mais de 40 horas

**12. Carga horária atual como professor em outras redes de ensino, excluindo a Rede Municipal de Ensino**

- 10 horas
- 20 horas
- 30 horas
- 40 horas
- Não trabalho em outras redes de ensino

**13. Carga horária atual na Rede Municipal de Ensino, em outras funções. Qual função?** \_\_\_\_\_

- 10 horas
- 20 horas
- 30 horas
- 40 horas
- Não exerço outras funções na Rede Municipal de Ensino.

**14. Carga horária atual em outras redes de ensino, em outras funções. Qual função?** \_\_\_\_\_

- 10 horas
- 20 horas
- 30 horas
- 40 horas
- Não exerço outras funções em outras redes de ensino.

**15. Quantidade de escolas nas quais trabalha hoje simultaneamente:**

- 1 escola
- De 2 a 3 escolas
- Mais de 3 escolas

**16. (MÚLTIPLA ESCOLHA) Níveis de ensino que trabalho na Rede Municipal**

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- EJA

**17. (MÚLTIPLA ESCOLHA) Trabalha em quais turmas na Rede Municipal de Ensino:**

- Educação Infantil
- 1° ano do Ensino Fundamental
- 2° ano do Ensino Fundamental
- 3° ano do Ensino Fundamental
- 4° ano do Ensino Fundamental
- 5° ano do Ensino Fundamental
- 6° ano do Ensino Fundamental
- 7° ano do Ensino Fundamental
- 8° ano do Ensino Fundamental

- 9° ano do Ensino Fundamental
- 1° ano do Ensino Médio
- 2° ano do Ensino Médio
- 3° ano do Ensino Médio
- EJA Ensino Fundamental
- EJA Ensino Médio

**18. Quanto à infraestrutura para as aulas de Educação Física, minha escola dispõe de:**

- \_\_\_\_\_ ginásio
- \_\_\_\_\_ quadra aberta
- \_\_\_\_\_ quadra com cobertura
- \_\_\_\_\_ campo
- \_\_\_\_\_ pista
- \_\_\_\_\_ sala de aula
- \_\_\_\_\_ sala de dança
- \_\_\_\_\_ pracinha
- \_\_\_\_\_ pátio
- \_\_\_\_\_ outro: \_\_\_\_\_

**19. (MÚLTIPLA ESCOLHA) Quanto aos materiais para as aulas de Educação Física, minha escola dispõe de:**

- bolas de voleibol
- bolas de futsal
- bolas de futebol
- bolas de basquete
- bolas de handebol
- materiais confeccionados
- rede de voleibol
- tabuleiros
- outro: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

PROFESSOR:

### **Com relação a trabalho pedagógica:**

1. Descreva o seu trabalho pedagógico.
2. O que você prioriza no seu trabalho pedagógico em aula? Por quais motivos?
3. O que você consegue desenvolver com facilidade no seu trabalho pedagógico em aula, na escola? Por quais motivos?
4. E quais dificuldades você encontra no desenvolvimento de seu trabalho pedagógico em aula, na escola? Por quais motivos?

### **Com relação a formação continuada:**

1. Qual o seu entendimento de formação continuada? E qual a importância desta formação para a sua formação?
2. Como você avalia as formações continuadas oferecidas pela Rede Municipal de Ensino de Santa Maria?
3. Como você avalia a formação continuada vinculada a UFSM?
4. Você encontrou ou não dificuldades em participar nos encontros de formação? Por quê?

### **Com relação as repercussões da formação continuada no trabalho pedagógico:**

1. Comente sobre os temas trabalhados nos encontros de formação.
2. Houve implicações desta formação para o seu trabalho na aula, na escola e em outros contextos? Se houve, quais implicações?
3. O que poderia ser modificado e/ou contemplado nos encontros de formação continuada?
4. Você gostaria de comentar outros pontos que não foram comentados?



## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA PROFESSORA A

Legenda:

P: Pesquisador

P1: Professor 1

P: Como tu descreve o teu trabalho? O que é para ti o teu trabalho?

P1: É uma coisa muito importante na minha vida. Eu posso dizer que eu sou uma pessoa realizada com meu trabalho porque ali eu consigo realmente ser professora para mim é aprender e ensinar, estar em relações com alunos, com os colegas, com a gestão da escola, com a comunidade, porque quer queira ou não a gente também, vem os pais falarem com a gente quando a criança não pode, quando a criança não pode correr, então a gente tem contato com os pais, mesmo que muito breve, com a gestão da escola nem se fala e com os alunos diretamente assim, mas o trabalho em si para mim é algo prazeroso, mesmo que a gente tenha que levar trabalho da escola para casa, eu sento com satisfação para pensar naquela turma e o que é importante dentro daquilo que a gente vai começar a trabalhar ou que a gente está trabalhando. Envolve pesquisa, a gente pesquisa, a gente lê, daí vai adaptando o que tem na literatura, o que tem na internet para a realidade deles, e também instigando um pouquinho e também deixando sempre um questionamento para eles, eu quero que eles tenham ainda um pouco de curiosidade para a próxima aula, sempre deixo essa deixa, isso me dá muita alegria, isso para mim é o meu trabalho, esse desafio do cotidiano. Mais ou menos assim.

P: O que tu prioriza nesse trabalho, nesse trabalho pedagógico? Quais são as prioridades do teu trabalho pedagógico?

P1: Eu quero assim que isso faça parte da vida deles assim, agora na vida escolar mas que depois também, a minha preocupação sempre assim, depois que eles não estão mais com a gente, eu fiz parte da história deles por um período da vida, e depois assim, não é nem que eu quero que eles lembrem de mim, professora Fabiane, exclusivamente, mas que eles lembrem da Educação Física como uma coisa boa, que motivou, e que deixou algumas marcas positivas, sabe, que eles levam essa qualidade de vida que é atividade física para além da escola, isso sempre foi a minha, que eu entendo assim.

P: O que tu consegue desenvolver com facilidade e com dificuldade no teu trabalho?

P1: As facilidades são de quando a gente consegue levar a turma a questionamentos, ao aprender, a esse desafio, porque dependendo do perfil do aluno, que tem turmas que a gente não consegue que todos se engajem, que todos se interessam, por causa da indisciplina, por questões deles mesmo, de família que eles trazem, vem o aluno com o problema junto, isso tudo atrapalha o interesse deles, atrapalha o participar da aula, essa aquisição do conhecimento mesmo, porque uma coisa é a gente querer passar o conteúdo mas uma coisa é eles também estarem abertos para isso então as vezes a gente não con-

segue assim. As dificuldades, não sei acho que eu falei um pouco, eu acho que tem várias coisas, um pouco é, nos anos finais tem uma questão de mudança de idade, de atitude, de comportamento que isso também dificulta, nos anos iniciais eles são todos do movimento então para ele tudo é bom, tudo é mais fácil, na questão do movimento, da atividade física, eu acho também, não sei assim, um pouco eu penso que essa idade dos anos finais, a mídia, os meios eletrônicos atrapalham um pouco essa coisa do movimentar, eu vejo que essa faixa etária está muito sedentária, eles contam que no final de semana, poucos contam que andaram de bicicleta, que foram passear para cá e para lá, muito jogaram vídeo game ou assistem videozinho, é muito assim nesse meio, isso atrapalha e influencia na escola para fazer nosso trabalho.

P: E com relação, por exemplo, a gestão da escola, a secretaria, tu vê dificuldade do diálogo?

P1: Não, tem diálogo, agora mudou as direções. Para mim está da mesma forma assim, eu conseguia conversar bem com a gestão anterior e essa também, sempre que eu percebo algumas coisas vou até a gestão, a gente conversa e elas da mesma forma, pedido de materiais também, dificuldade com aluno, eu sinto apoio, eu sinto que tem uma boa relação e que a gente tem o mesmo objetivo.

P: Agora vamos passar para o próximo bloco que é com relação a formação continuada. Qual o teu entendimento de formação continuada, o que para ti é formação continuada?

P1: Só posso dizer uma palavra que é o ar que a gente respira porque oxigena, porque nos dá vida, porque faz a gente repensar a prática pedagógica do nosso cotidiano. Eu sempre estou nas formações, só quando realmente não posso, não vou. Por que me sinto renovada sabe. A minha passagem pela universidade assim foi algo marcante de formação. Eu estava lembrando esses dias das primeiras aulas onde eu ficava muito assustada, eu acha que não iria dar conta, parecia que tudo é muito difícil, e era uma estrutura muito maior que a escola, a universidade né. Ao mesmo tempo quando tu te dá conta do saber que tem a universidade e tu começa a ser desafiada, tu vai dando conta e isso vai se tornando uma coisa muito legal e que fica inesquecível né, não que a gente tenha que parar de estudar mas enfim, eu acho que essa formação é essencial assim, que todo professor deveria sempre ter, que na escola não é possível, mesmo que a secretaria nos deixa esse pedaço que é a formação continuada mas que na verdade é o dia do nosso planejamento, ou tu vai na formação continuada ou tu planeja, isso então é uma coisa assim que já é o primeiro limitante, então pelo número de professores tu vê né, que participou né, a gente viu que as vezes dá e as vezes não dá, as vezes a gente prioriza isso, as vezes não, eu acho que é uma prioridade.

P: E além dessa formação que desde 2011 você vem participando, tu participas de outras formações?

P1: Sim, pelo meu outro serviço, daí sim, sempre tem outros encontros, tem outras

atividades mas aí ligada bem na área da saúde sabe. A gente teve uma formação de um projeto lá que é de estimulação precoce, que é AEP que a gente diz, que é um grupo da fonoaudiologia que trabalha com um projeto que é ligado a França, um projeto que é para detectar já problemas iniciais do autismo, de outros assim, trabalha bem lá no início, desde a relação mamãe/bebê e tal, a gente participou, depois a gente tem várias formações sempre com relação a saúde mental, de infância e adolescência a gente participa, muitas coisas de psicologia a gente participa de palestras também, e agora, mais recentemente, a gente está participando do programa saúde na escola, daí entra bem na saúde da escola bem uma coisa bem geralzona mas eu acho que um vínculo bom que antes nunca saúde e educação se falaram, agora então parece que estão, tudo que precisa, então estou nas duas, acho muito legal essa cruzada, essas duas formações assim.

P: E na questão da educação, além desta, teria outros cursos que a SMEd proporciona além desse?

P1: Sim, esses eventuais que é ofertado para rede em âmbito geral, para todos. Que era aquela educação inclusiva, outras formações que a SMEd propicia porque senão, não temos como participar pela carga horária.

P: Você já iniciou uma pincelada sobre a avaliação desta que iniciou em 2011, tens como falar um pouco mais desta formação que aconteceu junto com a universidade, só uma avaliação geral assim, tu iniciou e queria que desenvolvesse.

P1: Eu penso que é fundamental porque, eu trabalhava os 4 esportes nos anos finais, então dividia bem o ano naqueles 4 esportes, iniciada a formação eu comecei a dizer não pode ser só isso, eu trabalhava técnica exclusivamente então era voleibol, então começava desde o início, bem técnica, do saque, da manchete, do rodízio, assim bem técnica, depois fui me permitindo com a formação, fui me apropriando sabe, repensando outras possibilidades, e hoje eu digo que estou sem amarras nenhuma até não é que eu deixo a técnica de lado mas não é o meu olhar, e não trabalho só os 4 esportes, trabalho muito além, muito, muito, muito, que as vezes eu penso que as vezes as pessoas ou quem está de fora, mas meu Deus, ela está só passeando com os alunos, para cá ou para lá, mas na verdade para mim eu tenho o meu objetivo sabe, então eu faço muitas coisas com eles, o que eu posso fazer eu faço, e a gestão e a coordenação da escola apoiam e gostam e vou em frente. Nesses dias eu estava me questionando por que eu perdi uma corda grande que eu tinha que ia de uma árvore a outra, e que eu vazia meio que um, não é uma rapel mas era um, eles tinham que passar de um lado a outro segurando a corda com os pés embaixo e segurando em cima, eu tenho duas árvores maravilhosas.

P: Que legal, que nem arvorismo?

P1: Não sei, eu passava a corda assim e daí ela conseguia dar a volta na árvore e amarrava.

P: Mas eles tinham que ficar suspensos em cima da corda, tipo arvorismo então.

P1: Sim, sim. E eles iam caminhando de um lado para o outro, eles amavam. Só

que sumiu minha corda, eu faço tudo com eles, tudo que eu posso, eu faço rolamento com eles, levo os colchonetes lá na grama, onde tiver que ser eu faço, eu levei eles, os anos finais, numa academia, que trabalha lutas, para eles saberem assim, o que é taekwondo, muay thai, tinha até um ring, um octógono nessa academia então o profe lá pode falar várias coisas, pôde falar da vida dele assim, como que ele chegou no esporte, porque ele está no esporte, essas coisas todas né. Se eu for pensar 2016 para 2011, nossa como eu evolui assim por causa da formação que me deu essa liberdade de dizer não olha não é só isso, tem isso e isso, não disse como, eu fui achando como, e acho que está dando certo sabe, deixa algumas marcas. Daí esses dias também veio um professor de tênis do Avenida Tênis Clube, eu sei que o tênis não está na grade nenhuma, ninguém faz tênis numa escola, mas eu levei ele lá para eles terem uma vivência de tênis, uma, só não importa, mas pelo menos pegaram uma raquete e pegaram uma bolinha, ele fez várias atividades muito legais e eles amaram. Aí ganhei golinhas e ganhei raquete, como do rugby que ganhei uma bola, então assim, aí vai tendo material, e eu também vou, porque não posso, eu não precisa fazer uma aula de tênis, eu posso fazer uma aula de movimento de raquete, posso fazer outras coisas com a raquete, bolinha de tênis, não preciso dar o nome de tênis, então essas coisas loucas que eu faço assim que está fora que eu consegui me apropriar, eu consegui descobri que eu tenho.

P: A professora Fabiane encontrou dificuldades/ facilidades de participar dos encontros de formação?

P1: É mais umas questão de organização da gente, prioridades porque realmente se deixar de planejar, claro a gente vai para a formação porque é uma formação que eu acho que tem que ter aí o planejamento vai para mais um dia que tu tira do teu dia né, e que é pouco, e ainda vão tirar, como era uma vez por mês eu conseguia me organizar para poder ir né.

P: Agora uma questão bem específica né com relação as implicações da formação no teu trabalho que também tu já comentaste nos outros blocos, mas questões bem específicas. Tu lembra dos temas que foram trabalhados na formação, temas gerais assim que tu lembra que foi trabalhado?

P1: Tinha um texto do Valter Bracht lá no EMAI que eu lembro que eu volto pegar ele lá de vez em quando, reviro minhas pastas, dou uma lida e depois eu me lembro de prática, tivemos uma de atletismo, que também alí me despertou muito, mais o quê. Dessa formação, dos temas a serem abordados também que a gente construiu juntos, foram belas discussões, a gente pôde, foram umas discussões muito relevantes e também esse ano, justamente esse festival que saiu fora dos quatro esportes, só ficou o basquete, mas enfim, que foi muito legal.

P: Agora uma questão da tua prática, tu já comentastes mas eu quero que tu fale um pouco mais, como tu faz essa reflexão da formação para o teu dia-a-dia, que implicações estão ocorrendo da formação lá para a escola, lá para o teu trabalho, como é que tu faz

essa avaliação, como que tu percebe?

P1: Assim, eu percebo que tem que, assim, eu percebo que há outras possibilidades sabe, tipo, outros jogos, outras possibilidades enfim que eu já falei, todas essas outras coisas que eu faço assim realmente foi no planejar, porque que eu não posso fazer isso, porque que eu não posso mudar minha aula para cá, outras vivências, nesse tema vôlei, meu Deus o que eu posso fazer sabe, o que eu posso fazer, aí vamos lá, vamos lá, fui pesquisar uma coisa, pesquisar outra, eu falei algumas regras bem básicas, eu vejo que para eles quando eu boto o tradicional, aquele bem tradicional, uma rede no meio, quatro aqui quatro alí, ou seis aqui seis alí, fica sem graça, mas eu disse eu tenho que dar uma graça para isso aqui, eu tenho que ir além disso aqui, vou chamar o professor de vôlei da AVF, chamei lá o Jean Pierre, foi lá na escola e trabalhou um mini-vôlei, então isso aqui para mim abriu também, me abriu muito, porque antes a minha quadra era impossível dividir mais que uma quadra, hoje não eu faço a minha quadra várias quadras, eu boto a rede e eu não trabalho com a rede no meio, eu penduro uma corda até a goleira, porque eu não posso mexer a goleira, até a outra goleira e aí eu faço uma, duas, três, quatro, e com os pequenos eu coloco um cone aqui, um cone aqui e aqui um lado da coisa de vôlei e aqui outro e assim eles tem que jogar, então é uma outra maneira assim, são essas coisas que na hora do meu planejar eu sempre procuro ir além daquilo alí e que isso fique significativo para eles, e não que eu não aceite opiniões que eles me tragam no sentido de dizer profe vamos fazer isso aqui que o professor fez ano passado que o foi legal, vamos então, vamos fazer, ou eles vem, tipo no basquete assim, muitas vezes eu peço para eles pesquisarem as atividades de passe, aí sai mil coisas que eu nem imaginava, então isso aqui também me permite, porque antes um não deixava, imagina eles fazerem algum exercício, eu que era a profe, agora não, eles montam algumas atividades que partem deles, e toda a turma faz, quando é um grupo que promove, a atividade faz para todo grupo, todo grupo participa, eles se empenham, eu fico assim, nossa mas eu tenho belos professores, aprendo com eles sabe, se tem que dar meu pitaco eu vou lá e dou me pitaco, mas assim eles se organizam, aí eles percebem a dificuldade da turma também, tem todo uma outra dinâmica e isso também me permitiu de mudar, essa mudança, um pouco dos atores, não sou eu só a autora da aula, não sou só eu que dou a aula, assim eu me permito que eles também ensinem, que a gente tem uma interação, isso também é bem legal.

P: E com relação ao documento que foi construído no coletivo, como tu estas organizando as tuas aulas com relação ao documento ou não ainda?

P1: Não consigo perceber que na prática o nono ano esteja consolidado aquele determinado assunto, isso para mim eu não consigo ver, como professora, aquele assunto consolidado.

P: Talvez seria interessante discutir né, possuiu um ano e para ano que vem ser uma pauta de discutir o que os professores conseguiram desenvolver aqueles conteúdos, se conseguiram desenvolver os conteúdos e o que cada conteúdo foi aprofundado, foi con-

solidado, é um conhecimento inicial; até para reavaliar o documento porque foi colocado: acho que vai ser inicial, acho que vai ser consolidado, para praticamente ver como realmente esse documento está sendo colocado em prática né.

P1: Porque se eu for pensar o nono ano pelo que eu sei eles tem que saber as táticas do futebol digamos, conhecimentos técnico-táticos, as formações táticas, os guris porque eles sabem de fora, as meninas nem pensar.

P: Seria importante fazer uma avaliação para ano que vem desse documento.

P1: Sim, acho interessante, acho que essa pauta para ano que vem vai ser bem boa, para o ano todo.

P: Até a continuidade das oficinas né, oficinas práticas que nós só conseguimos desenvolver três ou quatro esse ano e para ano que vêm desenvolver outras que acharem necessário e também fazer uma avaliação do documento.

P1: Acho que o festival também não pode parar, mas isso fica lá para o grande grupo.

P: Eu já vou antecipar, até colocar, porque nós pensamos em fazer uma avaliação né do professor sobre o festival e uma avaliação dos alunos, por que a gente ficou instigados, o que eles acharam, porque geralmente eles estão acostumados em participar de futebol, de vôlei, não em atividades diferentes como eles puderam vir aqui na universidade e ficar uma manhã, nós estamos curiosos para saber a avaliação deles e de vocês, como foi essa participação, mas pelo visto, pelo que nós observamos foi legal, gostaram. O que poderia ser modificado/alterado e que sugestões tu terias para essa formação, em questões organizacionais, estruturais, pedagógicas?

P1: Eu penso que essa formação tinha que estar assegurada nas nossas horas, que não está na verdade, nossa hora de planejamento é nossa hora de formação, mas é planejamento. Estrutural, eu penso que deixar um local fixo e horário fixo, facilita porque muitas das perdas também foi porque um mês eram aqui, um mês era lá, primeiro tinha que achar o lugar para depois avisar, para depois isso e aquilo, então penso que seja assim e eu acho que umas das temáticas é essa que a gente tinha comentado antes né, e eu queria que a universidade sempre fosse parceira dessa formação que não fosse só a secretaria e também penso que os professores também poderiam fazer a sua formação, partir deles, eu penso, eu queria fazer um chamamento assim, pessoal vamos lá para se encontrar, discutir, quais são as tuas dificuldades, quais são as nossas. E que tudo é para a educação, para a qualidade da educação, que a gente faz acontecer porque daqui para cima a gente não sabe porque a gente vê são precariedades e precariedades mas continuar fazendo o nosso, no dia-a-dia assim.

P: Tem outros comentários, outros pontos que não foram comentados, tanto com relação ao trabalho, tanto com relação a formação quanto o específico das implicações da formação no teu trabalho, algo que não foi comentado e que tu queria talvez colocar.

P1: Eu busco na literatura mas eu queria ter mais textos para ler, indicados, eu

queria ter um acesso maior por que os livros que eu tenho já olhei, eu queria agora um pouco a mais. Eu não tenho acesso a biblioteca da universidade. Tenho acesso a internet, sim mas não é. Eu quero agora jogos cooperativos, estou louca para olhar um pouquinho isso, eu não tenho assim, limitado, eu sei que aqui deve ter. Só nos larguem assim, de repente vocês querem, o que vocês querem, o que vocês se interessam, eu me interesso por isso, por isso, por isso, eu queria subsídios teóricos, porque a prática eu invento muito, está certo não dá mas eu crio, invento, mas eu preciso de uma leitura pelo menos. Acho que só.

P: Muito obrigada.

P1: De nada.

## APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO AVALIAÇÃO FINAL 2016 FORMAÇÃO CONTINUADA

UFMS: 19 de outubro, avaliação do/da formação, é.

SMED: Vocês vão avaliar as possibilidades que desenvolveram nas escolas de ensino.

PROFESSORA: Na escola então veio os professores de rugby que fizeram formação com a gente, eles tiveram na escola, em duas vezes, dois dias assim para poder pegar com todos os alunos, fizeram algumas atividades recreativas de rugby, né, e a partir da nossa, foi muito legal, os alunos gostaram. E a partir da nossa formação também eu comecei a usar o rugby recreativo na escola, assim, do nosso modo, do nosso jeito e a gente acabou ganhando uma bola de rugby dele, com a cara de pau eu pedi uma bola para ele me deu, e a partir disse a gente faz.

SMED: Eles interagem bastante?

PROFESSORA: Eles adoram, adoram, adoram, eles também colocam algumas regras, a partir, as regras construídas por nós.

SMED: Miguel?

PROFESSORA: Miguel. E eles, as vezes que a gente não faz o rugby eles perguntam: Professora, vamos jogar de novo o rugby? Aí eles inventam mais uma regra e assim a gente vai indo, assim, mas a partir também da formação eu consegui colocar essa coisa nova na escola que é o rugby assim, a capoeira eu tenho um contato do professor de capoeira, mas eu não consegui ainda chamar porque agora eu comecei a trabalhar lutas com eles, então a capoeira está junto, vai entra nessa, acho que é mais ou menos assim.

PROFESSORA: E ela enche o saco do marido das outras para ir lá dar aula de tênis.

PROFESSORA: Isso, já está na agenda uma aula de tênis com o senhor professor senhor Dena, que ano passado ele foi também, foi bem legal.

PROFESSORA: Ele me falou.

PROFESSORA: Acho que é isso.

SMED: O Aracy lá como está?

PROFESSORA: A partir da formação, como a colega falou, também nós trocamos eu e o professor Carlos algumas aulas de Educação Física no colégio de uma forma recreativa utilizando então bola de borracha, né menor do que nós temos aí, com regras adaptadas construídas com eles né, dentro da realidade, da realidade de cada um, e também foi muito interessante porque eles gostaram bastante e seguido pedem, passaram a semana pedindo. Nós optamos por cada professor fazer na sua turma né, devido a complexidade do esporte e também nós fizemos bem adaptado. Seguindo o calendário que veio da SMEd para atividade na escola nós fizemos no dia 27 de setembro uma manhã com atividades diferentes para os alunos do 6º ao 9º ano, onde nós dividimos na quadra,



no pátio da escola 3 espaços, um espaço para o xadrez, um espaço para a peteca e um espaço onde nós optamos, [...] nós achamos que se adaptaria aos espaços que a gente tinha, colocamos lá uma rede de vôlei com uma bola de praia grande, eles montavam as suas equipes com número ilimitado né, 3, 6, poderia ser 8, 10 que pudessem jogar, e o objetivo era a bola passar por cima através do toque, o importante era que a bola não caísse, e eles tinham que fazer um rodízio, um pouco eles trabalhavam com o xadrez, conforme o interesse deles, um pouco a brincadeira com a bola de, a grande bola de borracha e a peteca, sempre tinha filas [...] o interessante foi também que teve uma aceitação muito grande principalmente dos alunos do 9° ano que nós, até, as atividades funcionaram na escola, eu e o professor Carlos estávamos meio apreensivos como seria a receptividade deles, era atividades muito recreativas e eles ao final eles falaram: faltou tempo, e estão pedindo que a gente repita novamente, [...]. Houve uma interação, participação muito grande de todos os alunos e mais interessante foi que eles montaram os grupos e uma das vezes, como na peteca, a gente colocou que devido o espaço, quatro de cada lado, se tinha três numa turma e estava faltando um e alguém da outra turma queria jogar, não teve problema, então esse ponto assim foi muito positivo que a interação deles, independente do 6° ou do 7° ou era guri ou guria não tinha problema, eles queriam montar os grupos e jogar. Os pequenos do pré, desde o pré 1, pré 2, do pré A e do pré B e do 1° ao 5° ano nós fomos fazendo por tarde e tipo um circuito de atividades, dividi a quadra em três espaços, em cada espaço tinha uma determinada atividade, e contei com a ajuda da minha colega que dá inglês para ajudar nos espaços aí e aí fiz uma turminha de 20 minutos naquela atividade, faziam rodízio e assim [...]. Nós procuramos envolver todos os alunos dentro da sua faixa etária e do seu grupo nessas atividades diferentes, eu acho que sim foi bem positivo a experiência. É isso.

PROFESSOR: Eu trabalhei com eles o rugby e a peteca, no rugby a gente não conseguiu chegar no jogo, fiz alguns exercícios que a gente aprendeu lá na oficina mas não consegui chegar no jogo fazer uma parte mais coletiva porque achei muito difícil, fiz só essa parte mais recreativa e de iniciação. Dei umas poucas aulas eu fiz isso. Da peteca, a professora de artes fez as petecas com eles, confeccionaram as petecas, as crianças, e algumas porque acho que eu não estava junto, [...] tem dias que não vai professor, em dias alternados, eu não entro em contato com ela diretamente, então ela fez umas petecas muito pesadas, fizeram cheio de grãos e tal, então algumas não deu para jogar, eles ficaram meio decepcionados até depois, fizeram de duplas né, aí claro, ia peteca para um lado de um, mas algumas funcionaram porque colocaram menos grãos e daí então funcionou, umas estouraram, saltou feijão para tudo que é lado, mas deu para eles terem uma ideia, porque é uma coisa semelhante ao vôlei sabe. E o xadrez, eu não sei jogar xadrez também, mas eles estudaram as regras nas aulas, alguns ajudaram os outros também, os que sabiam já, [...] mas é uma coisa que desperta, aqueles que sabiam jogar.

PROFESSORA: Eu tive que me obrigar, me lembrei de ti Sandra, só sei o básico,

diz a Sandra, eu também só sei o básico, tive que dar uma olhada nas regras do xadrez porque aí, é difícil o xadrez, a gente tem preguiça de pensar muito pro xadrez né, eu sou preguiçosa para pensar, tive que até dar uma pensada de novo e tentar entender um pouco do xadrez para fazer com eles. Os que sabem, sabem né, aí eu digo, os que sabem mais vão ajudando os que sabem menos.

PROFESSORA: Mas é isso.

PROFESSORA: Aí foi assim, fizemos uma oficina de xadrez também, estava chovendo, tem que fazer xadrez. E da, com a peteca a gente não construiu porque nós temos as petecas prontas na escola, eu achei, ocupar o que tem né, tem uma caixa de peteca, tem as raquetezinhas, os alunos, não a raquete própria para peteca, usamos umas que tinha lá.

PROFESSOR: Tem para vender peteca.

UFSM: Tem.

PROFESSORA: A gente recebeu ano passado duas caixas de petecas prontas.

UFSM: Aí na saída do castelinho, na faixa velha, a direira tem a companhia dos troféus.

PROFESSORA: Aí é mais profissional. Mas é um petequinha bem simples, embaixo ela tem umas borrachinha embutida dentro de outra borrachinha [...].

PROFESSOR: Quatro penas.

PROFESSORA: Quatro penas, é. E todas penas saltam fora. Quatro penas é, nós fizemos também, a gente fez também uma inter-série de handebol misto, pena que não vai ter handebol lá.

UFSM: Tu fizeste a oficina de peteca?

PROFESSOR: Essa eu não fiz.

UFSM: Ah, tá. Essa da oficina ela, para criança ela é muito [...].

PROFESSORA: Eu amei aquela peteca.

PROFESSOR: Do que é aquela peteca?

UFSM: É papel amassado, e a base dela é o

PROFESSORA: Espaguete de piscina.

UFSM: Ela é muito boa [...] é bem boa para jogar.

PROFESSOR: Eles costuraram aí.

PROFESSORA: Não, assim ó.

PROFESSOR: Ficou até bonita essa peteca mas poucas funcionaram, é um trabalho [...]

PROFESSORA: Viu, a gente assim, eu não consegui fazer naqueles dias exato das datas, foi bem complicado, aí no dia do estudante, a gente fez bastante atividades assim que envolveu todas as turmas, foram umas 2 horas de atividades, nós fizemos, fazendo tudo que é tipo de atividade recreativa, e aí eu disse assim até para a Cristina, manda as fotos para lá como se fosse, aquelas datas é que ficou complicado, aí depois nós fizemos

um dia por atividade, podia optar também fizemos uma inter-séries de handebol misto que envolvesse todas as turmas, gurus e gurias, foi muito bacana, também eles amaram [...] e eu, o rugby eu não fiz porque eu achei muito difícil, e fizemos jogos também, tentei fazer aqueles jogos. Montei as peças né.

PROFESSORA: Eu nem fiquei sabendo da do circo.

PROFESSORA: Foi bem legal.

PROFESSORA: Nós não recebemos na escola [...], nem dessa da peteca [...].

PROFESSORA: Essa das brincadeiras que ela me mostrou das varetas também não.

PROFESSORA: Mas é que foi cinco professores se não m engano, do circo.

[...]

PROFESSORA: Eu amei, amei aquela oficina do circo, acho que tinha que ter tido mais tempo, mais, tinha que chamar aquela guria de novo que aquela guria é sensacional né, aquela profe lá do Otão. Quando eu falei de circo.

[...]

PROFESSORA: Eu achei muito pouco a do Circo eu não me sinto preparada para ir lá e trabalhar com eles aquilo, claro a gente tem que ter a prática, tu tem que ter material, não é assim.

PROFESSORA: Porque o rugby, na hora do jogo, não tinha mais horário né.

PROFESSORA: Não é assim tu chegar lá.

PROFESSOR: Eu achei as oficinas muito importantes mais eu achei que tinha que ter mais.

PROFESSORA: Mais tempo.

PROFESSOR: Mais tempo.

PROFESSORA: Do circo, mais tempo.

PROFESSOR: Duas, três aulas.

SMED: A literatura do circo que ela passou.

PROFESSORA: Dos livros né.

PROFESSOR: É bem importante.

[...]

PROFESSOR: Nós temos problema de espaço lá no Vicente Farenzena para fazer qualquer tipo dessas atividades assim, então a gente pegou e conseguiu o Bella Vista aí, o clube, levamos as crianças para lá e fizemos circuitos, com várias atividades, tem alguns estagiários lá, da universidade, eles ajudaram.

PROFESSORA: Eu não tenho nenhum.

PROFESSOR: [...] fizemos várias atividades. [...] Tivemos um dia dessa prática. Também um dia a gente conseguiu levar, mais na parte de inclusão, nós levamos o Denílson, não sei se vocês conhecem, ele faz de tudo, joga basquete, joga isso, joga aquilo, ele foi lá e deu uma palestra.

PROFESSORA: Uma boa ideia para ano que vem.

PROFESSOR: A gente aproveitou [...] e como a gente não tem muito espaço então fica mais propício de fazer esse tipo de atividade de sala de aula, fazer essas palestras, daí a gente levou ele lá, foi muito bom, deixo a dica para quem tiver interesse.

PROFESSORA: Como é o nome dele?

PROFESSOR: Denílson, ele tem uma história de vida fantástica, até, ele levou a tocha. Contactaram com ele e foi bem bacana. Levou a tocha, é. E o rugby eu tentei introduzir também nas aulas de Educação Física, foi bem bacana, eles gostaram das informações que ele passou pra eles. Eu não tinha contato com o Rugby e bem importante aí o, nome dele, o.

UFSM: Bryan.

PROFESSOR: Muito interessante os exercícios que ele colocou, eu fiz na aula e dá resultado, eu pensei, bah não, o rugby vai ser uma paulera, e não, eles assimilaram bem a ideia de que, quando alguém toca eles tem que parar e passar a bola para trás. Foi tranquilo.

PROFESSORA: O Bryan ele vive aquilo.

PROFESSOR: É, a vida dele. O Bryan tem que fazer mais palestras quando for preciso.

[...]

PROFESSOR: Mas foi mais ou menos isso que a gente fez.

PROFESSORA: Ele é apaixonado pelo rugby né.

UFSM: É ele é apaixonado. Sábado, domingo [...]

[...]

PROFESSORA: Mas eu acho que para ano pode chamar alguém que tem aí da UFSM, tem uma menina aí, aquela professora, Luciana né, a Luciana da.

UFSM: Luciana Palma.

PROFESSORA: É, a Luciana Palma.

UFSM: [...] da inclusão.

PROFESSORA: É, da inclusão, mas que seja direcionado para a Educação Física, porque não sei se os colegas, mas eu tenho bastante dificuldade de trabalhar com aluno incluso, a gente tem aluno incluso de montão, tem aluno cadeirante né, e sempre tem um ideia mais nova, ou alguma coisa que nos dê suporte nessa área é bem interessante.

PROFESSORA: A minha escola é a Padre Nobrega e a gente fez dia 11 de agosto, dia do estudante, um torneio misto, a gente já fazia ano passado, foi futsal né, lá eles gostam muito de torneio, são muito competitivos, então eles já tinham feito e fizeram de futsal e está programado de vôlei também misto, tá. E a gente fez das brincadeiras um resgate no mês do folclore sobre as brincadeiras antigas e jogos antigos que eles tinham que pesquisar na internet, com os pais, com as pessoas mais antigas da família e na manhã tradicionalista eles exporam, aí surgiu o taco, a peteca, incluído nessa pesquisa que

eles tinham que confeccionar o brinquedo e expor para a turma e para os pais e também a gente fez no final de agosto envolvendo a família fizemos circuitos, os pais participavam de circuitos marcando tempo, e então eles tinham diversas atividades na quadra, e tinha que ser marcado tempo, tanto no circuito como os jogos recreativos envolvendo a família, foi isso que a gente conseguiu. E o rugby como eu acho que até faltou tempo na oficina, eu propus para eles mais as atividades que a gente aprendeu, aquela coisa de jogar a bola para trás, jogar sempre para o que está atrás, mas não disse para eles que nós íamos fazer o rugby, usei como uma parte inicial da aula e aí depois, mais para o finalzinho, da onde vocês já viram isso, aí eles chegaram, todos disseram, ah mas isso aí é rugby, mas não disse como a gente iria jogar o rugby, a gente fez mais como movimentos usados. Isso.

[...]

SMED: Conseguiu trabalhar alguma coisa? Segura para ela aí.

PROFESSORA: Bom nas minhas escolas a gente utilizou a formação né, como ponta pé inicial né.

SMED: Cheguem mais.

[...]

PROFESSORA: Então, na minha escola, hã, nós utilizamos, a, as formações para trabalhar, hã, de maneira, né, diversificada então, hã, nós utilizamos, hã, todas aquelas informações, né para trabalhar com os alunos, aí nós levamos também o Denílson para falar, que ele é um paratleta né, e ele fez palestra também, levou um material que ele usa né, a bicicleta que ele corre, levou três, a cadeira que ele utiliza para jogar basquete, ainda nós fizemos uma oficina com os alunos aonde eles vivenciaram o que é ser um paratleta, aí eles puderam sentar na cadeira de rodas e jogar né, dentro do possível, eles, vivenciarem aquela sensação de como se dá o jogo numa cadeira de rodas e é claro que por pouco tempo né, mas também na bicicleta eles puderam andar pela quadra né, a gente organizou eles que de maneira que cada um andasse.

SMED: Que escola?

PROFESSORA: Perpétuo Socorro. De maneira que cada um pudesse andar um pouquinho na bicicleta para sentir a sensação de como é que é. Então, foi muito interessante, no final os alunos adoraram e pediram que ele retornasse, os alunos mesmo que pediram, solicitaram que ele retornasse em outro momento para eles terem uma nova oportunidade né, porque eles acharam, aquilo era uma coisa completamente diferente da realidade deles. Então foi um dos pontos positivos foi isso né. Então a partir daí, até mesmo a gente nota que os alunos ficaram com uma outra visão, outro entendimento do que é né o aluno incluso, do que é a necessidade deles colaborarem com os colegas que tem determinada dificuldade na aula, de fazerem alguma atividade. Então assim ó, a gente notou que eles tem, tiveram um cuidado a mais, isso foi um ponto positivo. Outro foi, assim bastante, eles solicitaram, no momento eles vivenciaram o rugby de maneira recreativa também né, que até mesmo para a professora foi novidade, então assim, a gente teve que

trabalhar né, um passinho de cada vez também, com certo receio porque quando não se domina, hã, né, fica meio difícil de chegar e colocar assim para o aluno, então também tem que ser meio gradativo. Como a gente já trabalhava o jogo de estratégia, que a gente chama assim, jogo de estratégia, que é um jogo de ataque e defesa aonde tem que chegar no campo adversário e recuperar a bola, então aquilo já serviu de base para a gente poder introduzir alguma parte do rugby né, mas também bem recreativo, adaptando as regras com eles, eles dizendo o que podia valer o que não podia né. Fizemos uma gincana né, aí já na minha outra escola, porque assim ó, a gente faz uma troca, como eu trabalho em duas escolas, o que eu trabalho numa, eu levo um pouquinho para a outra e a gente tenta fazer né, um intercâmbio. Então fizemos uma semana de gincanas, não cumprimos muito o calendário da SMEd com aquelas datas estabelecidas para serem feitas as atividades, porque a gente teve que adequar de acordo com o calendário da nossa escola porque já estava previsto né. Então dentro da nossa realidade a gente colocou assim, o dia de atividade para eles com materiais alternativos, um espaço que eles, eles podem optar o que eles querem fazer naquele dia né, e utilizamos muito os alunos maiores, principalmente de 9º ano, como monitores, eles se prontificaram a trabalhar como monitores, auxiliando, inclusive eles vão num turno inverso para fazerem, hã, atividades com os alunos dos anos iniciais, do 1º ao 5º ano, que é no turno inverso, essa parte é auxiliada pelos alunos monitores do 9º ano. Então a gente tem assim, como vou dizer, uma equipe e um grupo trabalha com xadrez, outro grupo trabalha com atividade recreativa, outro grupo trabalha na sala de informática né, então a gente consegue adequar, e uma coisa importante assim ó que a aula saiu daquela atividade formal do futebol, do voleibol, né, despertou o gosto e o interesse que eles, uma coisa que não tinha me acontecido ainda e já tenho 28 anos de magistério, os alunos não querem jogar futebol, pela primeira vez na vida, até comentei, para mim é uma coisa inédita, os alunos não querem jogar futebol pra fazerem esse tipo de atividade, a gente trabalha com aquelas raquetes que a gente ganhou, aquelas de madeira, né, que a escola recebeu de doação, então nós trabalhamos muito com aquele material, eles adoram, acham o máximo, eles organizam as duplas, os quartetos e querem o espaço para jogar aquilo, há uma integração muito grande porque independente da turma, então no recreio também, a gente abre os espaços e eles já vem organizados né, o que vão jogar, o que vão fazer e fez com que o recreio também ficasse mais calmo, mais tranquilo, não era mais aquela correria, aquela agitação, porque eles já tem um objetivo né. Então eu acredito assim, foi muito boa essa formação que nós tivemos né, até vou dizer assim, uma dica, porque o ideal seria que tivéssemos mais tempo né, porque foi lançada a ideia, né, mas assim, para a gente mesmo poder trabalhar, eu acho que a gente tem que ter um embasamento um pouquinho maior, principalmente do rugby que é um esporte que está aí, que chegou, que está sendo divulgado a pouco na cidade pode-se dizer né, que até então a gente não tinha muito conhecimento. Então está despertando interesse nos alunos, e a gente teria que necessitava de algo mais, uma continuidade deste trabalho que

teve início agora.

[...]

UFSM: Pessoal antes de nós [...] A ideia da avaliação da formação. Esta foi mais pontual, hã, nós temos ali, hã, estamos, aliás, durante todos estes anos na formação, nós estamos pesquisando junto com isso, acho que a gente [...] já temos alguns trabalhos que foram feitos, e a gente tem também o trabalho da Elci, para essa parte de agora, se, a gente gostaria de saber se é possível, se vocês autorizariam a gente a fazer a gravação para utilizar na pesquisa, essa que a gente fez até agora também acho que seria importante mas cada um pode dizer assim olha eu não quero que minha fala, isso daí é tranquilo para nós, não tem problema, se vocês não quiserem participar não existe nenhum tipo de problema, a gente sabe que isso é uma questão individual tá, então se vocês topam que a avaliação seja registrada aqui e utilizada daí na pesquisa. Alguém se opõe? Alguém se. Não tem problema. Na gente só tira a gravação de vocês, a fala de vocês. Bom, essa última parte, não é bem última parte, nesse momento que a gente vai fechar deste ano, a gente gostaria também de avaliar o que foi feito este ano até porque a gente sabe que também está fechando também ciclo administrativo, está fechando um ciclo frente uma proposta que o nosso grupo se envolveu para este ano, se propôs para este ano, a gente está fechando basicamente né, que foi a questão da sistematização da proposta né, nós colaboramos com a prefeitura com a proposta curricular né, colaboramos com esse processo de formação que era focado nesta nova proposta curricular, então nosso grupo lá basicamente, hã, estaríamos fechando este ciclo de formação né, nós já temos aí se não estou enganado 4 anos né que estamos aqui com vocês. Cinco?

UFSM: 2011, 12, 13, 14, 15, 16, é teve um ano.

UFSM: Foi final de 2011, novembro, dezembro, no final.

UFSM: É, 2013 foi um ano meio parado.

UFSM: 2013 foi parado para a cidade né. É, então assim, a gente gostaria de hoje estar fazendo esta avaliação bem ampla mesmo, desde esta ação que foi bem pontual, quer dizer vocês já disseram, já falaram da ação individual aí em relação as oficinas, mas agora da nossa formação mesmo, o que é, o que foi esse espaço e o segundo ponto é o que é que nós/vocês pretendem para ano que vem né, eu falo vocês porque nós de certa forma, nós mudamos, acho que vocês já perceberam, nós mudamos bastante o papel das formações iniciais, nas formações iniciais nós estávamos na frente né, aí depois, acho que no terceiro ano, agora vocês que vão tentar caminhar e isso vem acontecendo né, na proposta curricular fomos convidados, quer dizer, a rede, a secretaria fez a proposta né, nós colaboramos, agora na questão das oficinas nós colaboramos, quer dizer, eu acho que nós demos um importante passo, inclusive para vocês, quer dizer vocês viram que este espaço é para vocês, que é um espaço para compartilhar, de qualificar o que vocês estão fazendo, facilitar aquilo que vocês estão fazendo, quer dizer, é um trabalho também, mas é um trabalho que facilita todo trabalho de vocês, né, e dá para perceber assim como vocês

já tem, já vem tendo esta autonomia de se apropriar deste espaço aqui e tentar agora, cada vez mais, qualificar e colocar as necessidades aí de vocês. Então acho que a nossa ideia é a gente conversar sobre esses dois pontos: o que foi esse ano [...] e o que vocês e nós pretendemos né, vou antecipar eu acho que a gente, eu falo um pouquinho e a gente passa a palavra aí, mas o que a gente avalia, qual é a nossa postura hoje: é a gente seguir apoiando vocês nessa função de apoio, acho que o grupo né, entende que o nosso papel né, como uma instituição pública, né, para o ensino público, a gente deve e vai seguir apoiando este grupo, tudo o que vocês necessitarem, projetos que vocês queiram fazer, ou ações, ou, a gente vai estar aqui, nos momentos que a gente for convidado, isso aí a gente, estamos lá, estamos de portas abertas tá, a gente não tem assim nenhuma, a princípio, a priori, proposição pensada assim como nós fizemos lá em 2011, hã, de uma forma geral, depois de uma forma específica acho que até a Cecília tem alguns pontos. Sobre o que aconteceu esse ano acho coincide muito com o que vem acontecendo na nossa área da Educação Física né, a nossa discussão hoje na Educação Física acadêmica é justamente essa, quer dizer, a Educação Física, ela desenvolveu bastante aspectos, conceitos teóricos, concepções teóricas e parece que negligenciou, de certa forma, princípios didáticos, métodos e técnicas de ensino. Isso a gente, até avaliando o nosso currículo, a gente vê como isso ainda está, parece um pouco desparelho, parece que a gente está lá com um monte de teoria e aí parece que a prática, ou essa relação teoria e prática né, a gente também entende que a gente não consegue fazer essa separação né, ela está comprometida e vem sendo comprometida, foi interessante, aí a impressão minha né, interessante que aconteceu aqui, ele, não que os outros anos a gente tratou mais teoricamente, que não tenha sido relevante para vocês né, mas o que a gente fez mais esse ano foi tentar trazer, através das oficinas, estas possibilidades metodológicas e didáticas e técnicas de ensino mesmo. Vocês viram que cada um de vocês aqui se utilizou daquilo, não como uma receita de bolo, cada um falou de uma forma né, como trouxe aquela relação, aquela, aquele tema né para o seu contexto, é uma satisfação muito grande de perceber como vocês também hã fizeram essa adequação ali para a realidade de vocês, para os princípios e para os objetivos que vocês tinham ali nas aulas ou nos espaços de vocês. Então a nossa, a minha, a minha avaliação é essa que, acho que foi um momento muito importante que a gente teve um momento teórico bastante importante também, eu acho, a gente discutiu, conversamos e, mas que agora a gente trouxe elementos mais técnicos, metodológicos e didáticos que também, parece que oxigenaram, não sei se, pelo que deu para perceber aí na fala de vocês, como vocês se apropriaram e gostaram daquilo que estão fazendo, o fato, nem futebol eles queriam, quer dizer, eles pedem estes momentos, quer dizer, isso realmente deu para perceber como vocês aí também se apropriaram deste espaço aí com estas proposta aí que foram trazidas. E vocês viram que forma propostas que surgiram aqui, não tem nenhuma direção, não foi da universidade, ou não foi lá da secretaria, quer dizer, foi justamente, foram as demandas do próprio grupo, tá. Então eu me dou assim,



muito satisfeito por esse momento né, que a gente chegou aí vendo, realmente vocês, relatando né aquilo que vocês estão conseguindo transformar lá nos espaços de vocês, mas só esse detalhe, isso aí reflete bastante o que a gente dentro da academia está discutimos, a Educação Física precisa hãem se traduzir mais nessa relação teoria e prática e não só teoria e não só prática, mas trabalhar nesse espaço né, de saber também o que vai fazer com o conhecimento teórico e saber o que vai fazer com o conhecimento prático, quer dizer, são relações que não dá para a gente separar. Uma opinião aí bastante pessoal, a gente não combinou nada, agora cada um vai falar. Não sei se a Cecília.

UFSM: Eu acho que o João já contemplou bastante coisa né, da minha parte assim foi um processo muito rico, de muita aprendizagem, né, de rever muitas coisas, hãem, um aspecto que o João tocou da relação do nosso currículo, até a gente vem discutindo lá também, eu penso que mais falta é a articulação, a questão não é muita teoria ou muita prática, mas é, ainda é a gente colocar uma coisa para um lado, uma coisa para o outro, quando a gente vai planejar, eu sempre digo que enquanto a gente está tendo que usar articular a teoria e a prática, é porque a gente está olhando para estas coisas separadas e isso não é um bom sinal. Acho que vai ser bom o dia que a gente não precisar mais desse verbo articular e que a gente vai estar, isto vai estar tão, vai ser uma unidade tão indissociável que articular vai deixar de ser necessário. É minha visão assim né, de início, e muitos espaços e tal, isso aparece nos estagiários, não sei se aparece nos trabalhos de vocês, agora vou tematizar isso teoricamente, aí vou para a sala de aula, faço um data show, faço uma folhinha, nanana, quer dizer, a gente, eu estudo um pouco né esta questão do momento dispositivo teórico, mas o teórico está na beira da quadra, no campo ali, a gente está teorizando. As vezes a gente vai fazer coisa, [...] sistematização, mas enfim, hãem, voltando esta questão aqui, é importante isso que a gente está falando e ouvido vocês assim, está aberto, a gente está num momento de transição, né, como vocês sabem daqui para frente, de incertezas da secretaria em si, mas vocês [...] seguem na rede e a gente segue, acho que isso é uma coisa legal, a relação principalmente de vocês entre vocês, ela ultrapassa a secretaria, vocês ficam, o professore fica 20, 30 anos na rede, e as secretarias no máximo 8. A relação é desigual, [...] vocês consideram pertinente para a secretaria, seja ela qual for né, é da escola que tem que partir, e essa maturidade vocês já cumpriram né. Então hãem eu tenho um interesses em relação a infantil, a EJA pessoais dentro do campo que atuo, infantil, anos iniciais e tal, mas acima de tudo fica uma relação entre vocês que vocês podem preservar né, nutrir e eu acho que aquilo que o João falou [...] nas falas que vocês manifestaram, como cada um pegou a mesma oficina e materializou isso na escola, tudo diferente né, quer dizer, não foi uma fala só, vocês saem da mesma experiência da oficina e nas escolas de vocês refletiram outras coisas, isso é muito bom [...].

UFSM: [...] Só uma questão [...] que é para a rede independente de governo, é que tenha um de vocês na secretaria, que se encarregue desses casos, esteja a frente,

que seja central [...] a gente acha muito difícil isso acontecer sem se centralizar em um de vocês. A gente acha que vocês podem reivindicar, para a próxima gestão né, que um de vocês, claro que não é 0800, pago né [...] alguém que tenha destinado tantas horas, estar a frente deste espaço, é uma sugestão que a gente deixa, que não seja muito longe né, [...] negociar isso com a próxima gestão, e aí essa pessoa vai ter esse papel de estar a frente, ela vai estar, o que vamos fazer, como é que a gente vai fazer. [...] Vocês tem plenas condições, qualquer um de vocês, de fazer isso aí muito bem.

PROFESSORA: Antigamente [...] tinha um supervisor de Educação Física, coordenador, supervisor da Educação Física, então eu acho que as coisas funcionavam, em questão de recursos materiais, até atividades, jogos das escolas municipais, jogos lá nas Dores né, eu acho que, porque que acontece assim agora, as escolas municipais elas participam para participar dos jogos do JESMA direto, só que daí o que limita um pouco as escolas, o que tu te depara com escolas altamente com condições né, [...]. Então eu acho que seria importante essa sugestão mesmo ser dada né que tivesse, que voltasse essa essa pessoa né, e que também fosse um profissional da área de Educação Física, não adianta colocar alguém de outra área que não sabe exatamente como que funciona lá na realidade da escola. Obrigada.

PROFESSOR: Esta questão do contato, faltou um pouco neste ponto, alguns encontros a gente não recebia, [...] ou não chegava a tempo né, e quando tinha supervisor eles tinham mais um contato direto sabe. Vou lá tem encontra tal dia, sei lá, é uma coisa mais. Na parte de encontros de confraternização, também convida não era só discurso sabe, a gente se reunia mais, tinha almoço e tal, dia da Educação Física, fazia um almoço, dia do professor de Educação Física também se reunia, e aí.

PROFESSORA: Eu acho que o último almoço foi lá no CEFD né. Foi lá é. Lembra Sandra que nós fomos juntos? Gente como faz tempo.

PROFESSOR: Era nas Dores no começo.

[...]

PROFESSORA: Tinha os seminários, e muitas vezes até as experiências da gente eram utilizadas nesses seminários, porque eu vejo assim ó, eu sou uma que dificilmente eu falto, eu só falto quando eu não recebo o aviso e na nossa escola é nos passado sempre, então alguma coisa não chegou lá na escola. Hã. Destas oficinas que vocês participaram que eu não participei, ela também não recebeu, eu acho que não foi uma ligação que faltou da direção da escola com o professor de Educação Física, não chegou lá na escola, porque tudo que chega na escola, diretamente é nos passado, é colocado no mural, nós temos um grupo nosso no whatsapp dos anos finais e um dos anos iniciais, as coordenadoras passam direto para o wats para a gente, não ter perigo de ninguém ficar sem saber, então assim ó, o que que houve, acho que o problema não foi direção escola, direção professor, mas na hora de se passar não chegou na escola e aí a gente acaba perdendo né, foram oficinas que pelo que a colega colocou bem legais, e a gente acaba perdendo né, isso facilitaria,

como ele disse, esse contato. Em relação, falando, peguei o microfone, em relação as nossas formações, hã, participo desde o início, hã, eu acho que tudo serviu assim para um crescimento, principalmente profissional, e um amadurecimento também nosso, hã, muitas vezes, principalmente a gente que veio de uma formação, eu me formei em 85 e que nós eramos cobrados muita técnica né, dos fundamentos, extremamente tecnicista, hã, então essa visão que a gente foi tendo ao longo desses anos nas formações acho que só nos serviu para melhor né, a nossa visão e a nossa, e fazer das nossas aulas momentos diferentes. Eu sou muito inquieta mesmo, estou a dois anos para me aposentar, mas eu continuo sendo muito inquieta em relação as aulas de Educação Física né, eu me cobro bastante na qualidade das minhas aulas, no mostrar o novo, mostrar outras possibilidades para os alunos né, eu felizmente eu venho, tenho a oportunidade de trabalhar, eu digo felizmente porque eu gosto de trabalhar com os pequenos, hã, eu estou trabalhando desde o maternal 1 até o 7º ano, hã, venho de uma caminhada bastante grande no Aracy com as aulas de Educação Física na educação infantil, nos anos iniciais né, então me possibilita bastante a mudar a visão dos alunos em relação ao esporte tradicional, não que a gente não trabalhe na escola, mas tudo no seu tempo, né, os meus alunos sabem que alunos do 1º, 2º, 3º ano e 4º, eles tem outro tipo de trabalho, não tem nada com o voleibol, o basquete, o futebol, o esporte tradicional, do 3º para o 4º eles começam a ter uma visão recreativa né, com materiais adaptados do que que é o esporte né, então utilizo vários recursos para ir mostrado para eles e ainda eu justifico muito o porque para eles, né, então desde do, eles baterem uma bolinha de tênis no chão e pegar uma bolinha de borracha, ó, futuramente quando vocês forem aprender o esporte, o handebol vocês vão precisar ter essa noção. Então assim, hã, toda essa formação que a gente teve acho que só contribuiu bastante né, para cada vez mais assim procurar melhorar como profissional, e eu tenho o pensamento assim ó, que nós que somos responsáveis de mudar a cabeça de nossos alunos, se nós aceitarmos o que eles querem, que é aquele conhecimento que eles tem, principalmente de futebol, que é o que eles vivem, aí a gente não vai mudar nunca nada, agora se a gente partir como todos nós fizemos, mostrar outras coisas para eles, que a Educação Física pode ir além de só aqueles quatro esportes ou muitas vezes três dependendo da realidade né, das nossas escolas, se a gente for mostrando para eles que tem outro lado bonito da Educação Física né, outro lado deles interagirem também com os colegas, de respeitar, partindo deste trabalho que o colega fez aí, eu acho que a gente vai ter uma direção um pouquinho melhor, né, e toda essa formação eu acho que serviu, porque muitos de nós somos lá formados em 83, 84, 85, né, então eu acho que foi assim bastante valiosa né, e esse ano acho que vai culminar bem com o que a gente queria, teve um dos nossos encontros aí que eu debati bastante que esse festival de jogos tinha que ir para outros lados, acho vocês lembram né, que a gente não podia levar os alunos para ir lá fazer as mesmas coisas que eles faziam, na escola né, então isso também nos obrigou a ir pesquisar né, eu fui pesquisar sobre a peteca, pesquisar sobre o rugby, dai vi

que as regras eram muito complexas e resolvi resumir em três, era muito complexo para o meu entendimento mas acho que, tomara que a gente tenha a oportunidade e continue nos outros anos tendo a oportunidade de se encontrar mas que a gente receba sempre na escola que tem reunião, tá. Obrigada.

[...]

PROFESSORA: Que a gente tenha a oportunidade de continuar né, com esses encontros contando com o apoio de vocês, né, que seja nos oportunizado né, nós temos, uns quantos de nós que já estão mais para a aposentadoria, mas tem um pessoal novo que eu acho que tem que ter essa oportunidade que nós estamos tendo.

PROFESSORA: Eu queria enfatizar, como eu já estou praticamente me despedindo do grupo né, em dezembro eu já saio da rede, então já estou pendurando o tênis, então assim ó, eu acho que é de fundamental importância que não se perca o que foi plantado até agora, que isso seja somente uma semente né, para dar os bonitos frutos né, porque daqui para frente o plantel da rede vai começar a se renovar, as colegas mais ou menos, que são da nossa época já estão chegando né, na sua caminhada final em termos de magistério e que esse pessoal novo que está vindo aí que tem essa oportunidade que nós tivemos e que isso realmente não se perca, então acho assim, coisas que são de fundamental importância que tem que ser pontuado: alguém dentro da secretaria responsável pela disciplina de Educação Física né, que seja o elo de ligação né, dos professores e secretaria, isso é fundamental, que todos os progressos que nós tivemos em termos de rede, eu que estou saindo passei por várias gestões e tudo mais, e quando mais andou a Educação Física foi quando a gente tinha esse elo de ligação, foi quando, a época que a gente mais cresceu, que nós tínhamos cursos de formações, claro que até então as nossas formações eram: futebol, handebol, vôlei, mas eram válidas, porque era a nossa realidade no momento, né, e que aquilo ali foi ficando muito pouco, tanto que a gente sempre estava buscando algo mais que eu acredito que agora nós estamos chegando no algo mais, e é isso que a gente não pode se perder, outra coisa, é fundamental que tenha profissional de Educação Física nas séries iniciais, desenvolvendo as habilidades dessas crianças, desenvolvendo habilidades, Educação Física nas séries iniciais não é atirar uma corda para um aluno, atirar uma bola e deixar o aluno fazer o que quer, que tem tanta coisa boa né que tem quer trabalhada e que esse espaço, essa oportunidade está sendo perdida no momento que não tem o profissional ali, né, então tem que ter um profissional nas séries iniciais sim para quando a gente encontrar os alunos lá no ano intermediário do 6° ano, lá 5°, 6° ano que é quando a gente começa a trabalhar realmente com eles, a precariedade que a gente vê nessas crianças, cada vez mais sedentários agora né, frente o computador o tempo inteiro, chegam lá tu não consegue desenvolver muita coisa, porque, porque tem que resgatar toda uma falha que já vem vindo de anos, e isso dificulta o nosso trabalho, então tem que ter um profissional e outra coisa assim ó, que eu acho, é essa, tem que rever essa ligação, quantos são os professores de Educação Física da rede? Quantos

puderam aproveitar essa vivência que a gente teve agora, né? Éramos em torno de 10 nos encontros, muito pouco passou disto né, nas nossas formações de agora, e quantos são os profissionais da rede de Educação Física? Então isso é um cuidado que tem que se ter, favorecer o professor que ele tenha possibilidade de participar de tudo isso que está sendo oferecido e que lógico o retorno é imenso, quando volta para a escola né, volta com outra visão, volta com outro gás, porque você descobriu coisas novas e tu quer vivenciar com teu aluno aquilo que tu teve a oportunidade de vivenciar, então eu acho que são três coisas importantíssimas: é alguém dentro da secretaria, é professor nas séries iniciais e mais esse chamamento dos professores para eles terem a oportunidade de participar de tudo que é oferecido. Fica o meu pedido.

PROFESSORA: E eu concordo, plenamente com ela, o professor das séries iniciais, como eu trabalho e eu vejo a diferença, a gente, é notável assim né, e a gente cria aquele, desde pequenininho, neles assim ó, aquele gosto pela Educação Física, o fazer a atividade, então assim, acho que é necessário que as escolas revejam né, claro que é assim, como eu disse, para trabalhar aí com os pequenos tem que gostar de trabalhar com eles né, tem que gostar e tem que procurar fazer as aulas com o que eles gostam, concordo plenamente com tudo que ela disse.

PROFESSORA: Eu sei porque esse ano, eu trabalho com 4° ano como, para completar minha carga horária né, que a gente tem que completar então eu trabalho com 4° ano e para mim assim foi muito gratificante porque eu já trabalhei ano passado com eles como 3° ano e agora voltei com eles no 4° ano então a gente nota que a Educação Física, a visão que eles já tem, que a Educação Física não é, hã, pular corda, jogar bola, né, e só isso, que existe esta infinidade de oportunidade que a gente pode oferecer, por exemplo, agora no meu 4° ano eu trabalho xadrez com eles, comecei o trabalho de xadrez, foi muito produtivo e agora por solicitação deles, eles querem um torneio de xadrez entre os dois 4° anos, para ver quem mais aprendeu xadrez, porque eles tiveram, os dois 4° anos, a mesma oportunidade, mas eles querem ver quem é que conseguiu aprender mais, então eles solicitavam que fosse feito um torneio de xadrez que nós vamos realizar semana que vem entre os 4° anos, que eles querem, com medalhas e tudo mais né, de 1°, 2° e 3° lugar, então é solicitação dos alunos, outra solicitação deles: a partir do momento que eles vivenciaram essas atividades, vamos dizer assim, recreativas, eles solicitaram assim: professora, um dia que eles tivessem de atividade livre, eu tenho duas aulas com eles, então uma aula eu dou o que eu tenho que trabalhar com eles, todas as atividades do meu planejamento, e na outra aula que eles chamam de atividade livre, eles querem se organizar, daí assim, que leva o material, a raquete, a corda, o cone, entende, o material alternativo que nós temos na escola, e eles se organizam em grupos e eles determinam a atividade que eles vão fazer com aquele material, as regras eles colocam, então eles, eles tem um controle rigoroso né, que eu não posso deixar de dar o dia da atividade livre, não semana passada choveu, não teve, hoje é o dia da atividade livre, então sabe, eu achei

muito, muito produtivo essa tomada de decisão, essa integração entre os próprios colegas e daí eles organizam os grupos que vão fazer, outro dia eu sugiro cada um monta o dia da atividade livre, montem a atividade e que todos possam vivenciar aquela tua criação, entende, que seja trabalhado de forma de circuito, então assim, são uma infinidade de ganhos que tu vê, no 4º ano, né, que não era de se esperar tanto assim que eles tomassem esse tipo de atitude. Então eu acho que é muito, isso aí que a gente não pode perder, tem que continuar o professor aí junto. É isso.

UFSM: [...] mas acho que o teu relato Sandra é bem interessante porque quando você fala da aula livre, né, ela tem a tua mediação.

PROFESSORA: Sim.

UFSM: Então é bem diferente do rola bola, então não é um dia de tipo assim, bom então eles vão fazer o que eles querem, na verdade é um momento, pelo relato que você está fazendo, extremamente educativo no sentido de eles se auto organizarem, planejarem, muitas vezes buscarem elementos que usaram nas aulas e combinar com coisas que eles trazem da cultura externa da escola, então, hã, quando o professor ou a professora, no teu caso, né, sabe para onde está caminhando até a aula livre, entre aspas né, pode ser um momento riquíssimo, né, do ponto de vista educativo, né, porque é um exercício também para eles também, né.

PROFESSORA: Num primeiro momento parece uma bagunça para quem está de fora e que não vê, vai dizer assim: Olha lá, aqueles alunos pegaram os cones, outros pegaram as cordas, outros pegaram, sabe, então, num primeiro momento eu não dou interferência nenhuma, eu só coloco o material e a partir do que vou observando do que eles vão, aí né, eu vou dizendo, quem sabe tu faça dessa maneira, não fica melhor? Né, então eu vou intermediando nesse sentido, mas o ponta pé inicial tudo é por conta deles, após a ideia deles é que eu vou auxiliar e é muito legal isso, eu gosto muito.

PROFESSORA: Quando eu trabalhei 28 anos numa escola particular e nós tínhamos as inter-séries que eram o evento, megaevento, quase duas semanas de tantas equipes que tinha e aí vinha aquela reclamação as vezes os professores que os alunos ficavam, né, se organizando na sala e não sei o que, e a nossa diretora, que era sempre do nosso lado né, ela sempre dizia nas reuniões para eles, é o maior momento de aprendizagem que eles tem em tudo, porque é o momento em que eles vão ver preço de camiseta, vão distribuir, vão se dividir, não se organizar, vão cumprir horário, né, então essa semana, esses momentos são os maiores aprendizados que eles tem, porque eles estão buscando por conta própria a organização, né.

PROFESSORA: Outra coisa que me chamou atenção assim ó, porque essas inter-séries né, dos esportes, nós não podemos fugir, também é o que a gente, né, é ótimo também, tudo tem seu ponto positivo, seu ponto negativo, mas é uma coisa que nós não podemos ficar né alheios, na minha escola vai ter inter-série de futsal que era marcado para amanhã, que agora com a chuva né, vamos ter que transferir e que assim, ó, a

princípio o futsal era só masculino, né, uma época se fazia feminino, depois as meninas não quiseram mais fazer equipe feminina, daí ficou só o torneio de futsal masculino e vamos ter um torneio de voleibol misto, só que agora na inscrição do futsal masculino, as próprias equipes, dos meninos, vieram solicitar se eles poderiam colocar algumas meninas junto porque elas jogam tanto quanto eles, porque a oportunidade é para ambos né, e eles vieram solicitar que não fosse só equipe masculina, tanto que as equipes todas tem direito a inscrever duas meninas, eles pediram que fosse colocado no regulamento jogos que cada equipe pudessem inscrever duas meninas na equipe, solicitação dos alunos, eu acho também um grande ganho né, então.

[...]

PROFESSORA: Não mas eu já conversei com eles assim, ó, as meninas vão marcar as meninas, entende, na marcação, que eles sabem, por exemplo, no futsal, lateral direito, menina, menina marca menina, então nesse sentido para ter certo cuidado também, porque numa disputa competitiva, né, vale tudo para eles, vale tudo, então é um cuidado que se tem que ter. As gurias também chegam apressadinhas, não tem mais de sexo frágil, de chegar com cuidado, as gurias chegam de igual para igual. É isso.

[...]

PROFESSOR: Vou falar rapidinho que tenho que dar uma saída, eu acho que como a gente, tem poucos, eu acho que seria legal se fosse mandado para as escolas uma avaliação escrita né, porque nós não representamos toda a classe né, e só para reforçar o que as gurias falaram na questão da Educação Física infantil, né, eu me formei em 86, a gente não tem base teórica para trabalhar isso aí, eu fico inseguro, eu trabalho também de 1° a 4° série, eu acho que umas das coisas que poderia ver para não sei lá, um curso, uma oficina, alguém que trabalhasse, né, para a gente ocupar esse espaço também, daí a gente se sente inseguro. Muitos colegas largam, deixam brincando aí, a gente pesquisa tudo mas a gente não tem aquele embasamento teórico, acho, que teria que ser correto né, não é só fazer atividades, teria que ter alguma coisa mais relacionada a idade mesmo, e eu acho que também assim, eu acho que observando um pouco do que tu falou da, a gente era muito técnico né, depois eu acho ficou muito teórico, deixou um pouco dessa parte técnica, então as duas partes acho que tem que entrar num entendimento né, porque as duas coisas, não sei mas o currículo ficou muito teórico lá fora, não sei se tu, a gente, conversando com os estagiários e tal, que a gente entra em contato, nós tínhamos acho que 6, um semestre, eu acho, por natação, por exemplo, cada estilo, na parte teórica, agora todos num semestre só né, natação né, então eu não sei se ficou alguma dificuldade, assim como todos os esportes eu acho foi substituído uma parte muito grande da parte técnica do currículo da Educação Física né. Eu me preocupo com o pessoal que está chegando, eu também estou saindo né, me aposentando.

UFSM: Isso, a gente está fazendo uma avaliação lá, tem um semestre que não tem nenhuma disciplina prática

PROFESSOR: Pois é.

UFMS: Só tem disciplina teórica. Mas assim ó, o ponto central mesmo é a interação teoria e prática. É a prática [...] a professora Cecília saiu, quer dizer, hoje a gente está fazendo ou só teórico, ou só prático e não está conseguindo unir, fazer essa interação [...] até na própria formação. Isso aí a gente está falando da formação.

PROFESSORA: Não assim, o que mais, hã, me chamou atenção da formação aqui, pôde oxigenar o que a gente já vinha fazendo, parece que me deu mais liberdade e confiança no trabalho das diversas possibilidades da escolas, além dos 4 esportes, assim, mais ou menos isso né, tipo, ah, porque que eu não posso fazer um rugby, porque eu não posso, sabe, outras possibilidades na escola. Âhm, eu acho que para ano que vem, assim, eu gostaria alguma coisa mais de educação inclusiva assim, eu trabalho num centro de atenção psicossocial, mas é uma coisa diferente, não é escola, com a inclusão que têm, mas para isso assim, uma formação, como trabalhar essa coisa da educação inclusiva na Educação Física assim, com a nossa realidade, nós temos oito inclusos na escola, é muito, mais isso assim.

PROFESSORA: Eu gostaria assim que também equilibrasse não só a inovação mas também a gente fosse se atualizando também e se motivando mais também no coletivo não deixasse tanto né, a gente não consegue fugir tanto né, mas assim que a formação ficasse, voltada, equilibrada sabe, e que fosse bastante prática também, essas oficinas que a gente teve foi pouco mas foi ótimo sabe, e que apesar da troca de governo, que a gente não perdesse esse contato né, e que continuasse, que lutasse para a gente continuar sempre se encontrando e se atualizando juntos né.

PROFESSOR: Eu acho assim, muito importante nossas reuniões mas eu achei que, aí é culpa nossa, nossa culpa né, professores, poucos né e sempre os mesmos que vem aqui, então a gente luta por uma minoria dos colégios né, para mudanças e os outros não comparecem, então essa mudança vai atingir só aquelas escolas que nós estamos representando, não vai atingir toda a rede e eu acho também, a gente tinha que definir mais o que a gente quer na Educação Física porque se não vai chegar um ponto que a gente vai fazer um monte de coisa para dentro, de atualizações e não vai chegar a lugar nenhum.

PROFESSORA: É esse meu medo também, sabe?

PROFESSOR: É xadrez, é isso, é aquilo, daqui a pouco nós vamos estar.

PROFESSORA: Até porque a gente não dá conta de tudo isso na escola né.

[...]

PROFESSOR: Que conteúdo que é importante para a Educação Física? Eu fico, na minha cabeça, eu fico confuso, fico confuso. Por saber que eu também peguei essa transição aí, eu também peguei essa parte tecnicista, eu me formei em 89 e surge a cada momento surge um conteúdo novo da Educação Física para desenvolver, circo, essa parte de circo. Então, eu acho que a gente precisa definir mais o que a gente quer, onde a



gente quer chegar em termo de conteúdo, mas esse nosso espaço aqui é de fundamental importância. Tínhamos que ver assim, deixar até reuniões já marcadas para o próximo ano, com data no calendário e tudo, de tamanha a importância que a gente está passando por esse processo de mudança e a gente precisa ver onde a gente quer chegar, se não vai ser uma confusão muito grande na cabeça de todo mundo. Porque a escola tal vai trabalhar circo, a outra escola vai trabalhar rugby, a outra escola vai, será que é isso que a gente procura? Eu fico confuso. Sabe.

PROFESSORA: Eu também.

PROFESSOR: Não adianta a gente trazer uma infinidade de.

[...]

SMED: É mas a gente tem as orientações curriculares, que é a partir das orientações curriculares [...] tem que ver outras possibilidades além. A partir daquelas orientações que vocês falaram que não tem o aparato para trabalhar aquilo que não está [...].

UFSM: Eu estou entendendo a questão dele também, talvez é avaliar tudo isso, porque está dentro das orientações mas as orientações nós fizemos.

SMED: É foi feito por um grupo.

[...]

UFSM: E fizemos num grupo pequeno, acho que vocês estão lembrados, bem menor do que este até, mas que também tem sido as propostas iniciais da Educação Física. A gente precisa avaliar e ver [...] mais importante é o documento agora para avaliar. Quer dizer, a gente não está fazendo assim, chutando para tudo que é lado, a gente está ainda, já neste documento, mas dá para fazer isso. Dá para avaliar.

PROFESSOR: João eu vejo assim, eu vejo como um todo, eu vejo por exemplo, o aluno que estuda na tua escola, a porque tu gosta do rugby que vai ser trabalhado o rugby, ele vai ter oportunidade de trabalhar [...] eu não vou dar oportunidade para um aluno [...] e antigamente como é que a gente fazia, não, antigamente se trabalhava os quatro esportes, e o que era na escola dela, era na minha e na tua, então aquele aluno seria trabalhado independente da escola, onde a oportunidade de tarefas, de atividades físicas que são propostas um aluno vai ser contemplado, outro não.

UFSM: Mas aí, eu acho que aí, talvez já dá para refinar um pouquinho assim, quer dizer, acho que o documento está aí, está materializado né, vocês já estão vendo isso, como estão tentando inserir cada um na sua realidade, eu acho já dá talvez para fazer uma nova avaliação do documento, né.

PROFESSOR: Exato, uma reavaliação.

UFSM: É uma reavaliação.

SMED: Tudo que vocês estão dando aqui são indicativos para ano que vem né, então acho que é importante dizer que, nesse encontro se fecha um ciclo, nós temos lá o dia 4 e a gente está fazendo relatórios sobre todas essas formações e tal, e aí isto que vocês estão dizendo hoje vai ficar no indicativo para a próxima administração que assumir,

âhm, viabilizar ou não estes encaminhamentos.

UFSM: Acho que uma coisa importante destacar é que houve né, se assegurou, e acho que uma coisa que partiu da secretaria, ou não sei se foi em conjunto, mas que a secretaria [] que foi legal, foi essa coisa da quarta-feira, né, eu acho que assegurar, né, no sentido de planejamento foi um passo né, que pelo menos em tese viabiliza um pouco mais que as pessoas possam ter essa quarta-feira disponível para formação, se vêm, se vão fazer outras coisas nesse dia, se aquele professor trabalha em outra rede, aí são outros aspectos, mas assim é um primeiro passo que foi importante, não sei como vocês avaliam.

PROFESSORA: Mas que também não é possível em todas as escolas, por exemplo na minha hoje é dia de eu dar aula, aí então a escola que disponibiliza né, se eu vou poder vim ou não.

[...]

PROFESSORA: É que nem todas as escolas conseguem fechar o horário com planejamento naquele dia porque são vários professores e professoras que trabalham em duas escolas, como é que vai fechar na quarta se ele também tem outra escola. Entendeu.

UFSM: A questão das prioridades, eu nunca esqueço da escola, que eu, de Porto Alegre, que eu participei fazendo uma pesquisa lá, aconteceu uma coisa absolutamente inusitada, nunca tinha visto isso na vida, eu conto e os alunos mal acreditam, tinham três professores de Educação Física e aí eles fizeram um projeto, para que o projeto pudesse acontecer, eles quiseram mudar a forma de organização da SME, [...] só que para aquilo acontecer, o horário da Educação Física tinha que ser a base, quando eles me contaram eu falei, não é possível. Foi feito o horário da Educação Física e a partir do horário da Educação Física fez-se das outras disciplinas, nunca tinha visto isso na vida e acho que não voltei a ver depois disso, né. Eu acho que assim, não estou dizendo que tenha que ser um passo tão grande assim, né, mas de ir conquistando este espaço né, e lutando por isso e talvez, reivindicar talvez um pouco no início do ano, vocês tem aqueles dias de planejamento na escola, não tem? Fevereiro, antes de começar as aulas? Reivindicar um encontro inicial do ano para a Educação Física se articular, né, vocês se articularem, né. Bom se aí se reivindica, chama alguém, seja da UFSM, quer um suporte é diferente, é diferente, é importante que isto parta de vocês, vocês hoje já tem este grupo pequeno, este núcleo de resistência como diz a Sandra e tal, vêm participando, âhm, pode lutar por isso, e o documento é a materialização disto, né, se o documento pode ser melhor? É viável? Se avalia se vai avaliar que ele tem problema? Bom isso é outra história, mas ele existe, uma forma de construção que foi feita com os professores da rede, vocês tem isso, esse argumento, esse elemento forte, né, para.

PROFESSORA: Na quarta-feira eu teria aula, mas a minha direção sempre, sempre me dispensou.

PROFESSORA: É, vai da direção, a minha dispensa também, mas daí os colegas como é que ficam, os alunos cobrando né, eles não podem perder a gente, entendeu.

PROFESSORA: Em compensação, no dia do planejamentos, colegas já disseram para mim: Eu não vou, porque é o meu único dia que eu tenho para fazer tudo, as coisas, para eu ir no médico, para fazer tudo o que eu tenho meu, é o único dia que eu tenho, então não vou ir, não vou.

PROFESSORA: Pois é, eu até acho que foi pior colocar no dia do planejamento, porque daí as pessoas tem o dia do planejamento para si, sabe isso tudo aí pesa, porque eles não estão aqui, porque é o dia deles, não sei se não tem pesado mais do que ser a favor sabe.

[...]

PROFESSORA: Prioridades sabe, se fosse todas as quartas-feiras aí sim, [...] mas não é todos os dias do teu planejamento.

PROFESSORA: Vai do interesse da pessoa né.

UFSM: Mas que fosse uma vez por mês.

[...]

PROFESSORA: Nós temos 16 horas frente aluno, 4 horas de planejamento, se diminui-se a carga horária por 15 horas e 1 hora de formação, se juntar as 1 hora do mês dá as 4 horas.

PROFESSORA: Isso é legal também.

PROFESSORA: Daí tem que comprovar que fez a formação. Garanto que ia encher a sala, ia encher a sala, porque eles tinham que dar satisfação por estarem aqui.

[...]

UFSM: Passa a folhinha.

[...]

PROFESSORA: Só que daí sendo obrigado e tendo que comprovar que fez a formação [...]

UFSM: Pode ao longo, sei lá, tem 10 formações, tem que participar de 75%, eventualmente, um dia que não consegue, um médico que só atende aquele dia, tudo bem, 75% durante o ano [...]

UFSM: Se tiver uma agenda desde o início do ano, essa reunião do início do ano [...]

[...]

UFSM: Já vai ter um feedback do evento que teve esse ano, funcionou, não funcionou, foi bom, não foi bom [...]

[...]

SMED: Eu acho que é isso aí. A formação durante esses anos, eu acho que tanto o grupo da Educação Física, quanto da universidade assim, fez toda a diferença, hã, vocês pontuaram algumas coisas, algumas fragilidades que realmente elas foram né, são e principalmente em relação a esse, a comunicação entre nós, enquanto vocês pontuam no que precisa ter alguém representando, acho que tem mesmo, porque no caso, durante

esse tempo, foi eu e a Cláudia com tudo História, Geografia, Matemática, então sabe assim, ó, humanamente impossível de dar conta, mais todos do ensino fundamental e os anos iniciais, 4º ano, 1º ao 3º, sabe, então claro muita fragilidade, isso a gente está vendo agora nas avaliações muita fragilidade, porque é isso aí, pega de uma ponta, a ponta lá estourou, pega na outra, e não conseguimos dar conta nesse sentido. Foi um ano assim, um ano não, dois, três que vocês acompanharam de muita falta de professor, então os professores de Educação Física foram convidados para ir para a Secretaria, não quiseram [...] e tem até uns que nós convidamos, duas, três professores daqui, que faziam parte do grupo, nós convidamos para fazer parte e nunca mais apareceram nas reuniões aqui.

Estão com medo.

SMED: Medo. Então assim ó, os outros, os outros, realmente não foi liberado pela secretaria, os outros História, Geografia, Português não foi liberado. Agora Educação Física foi só não veio, principalmente no segundo semestre, no fim do primeiro semestre a gente já tinha [...] as pessoas todas que foram convidadas não, porque tem tudo aí [...] não quiseram vir, tanto não quiseram que não vieram mais nas formações. E daí a gente [...] desse festival que seria uma culminância, mas teria todo um desenvolvimento de atividades durante o semestre que vinham desencadeando daquilo aí, teria que ser acompanhado, teria que, isso tudo eu sei que ficou frágil né, era um trabalho muito, que realmente precisava desse profissional, e a gente queria contar com esse profissional, mas assim ó, em relação a todos os grupos que a gente acompanhou eu acho que esse aqui é o grupo que está com mais autonomia para andar e buscar a consolidação e a continuação desse grupo, desse grupo de vocês, e daí aqui vocês pontuaram várias coisas assim que precisa ser feito tipo um seminário da Educação Física, um momento de descontração onde lá, um jantar, não sei o que, eu acho que esses elementos que vocês estão trazendo, a continuação dos estudos, o esporte não se perder, mas claro, analisar o documento, eu acho que nessa roda aqui já saiu todo planejamento para 2017, agora fazemos relatórios, que tem que fazer os relatórios de tudo, a gente vai pontuar isto, e isto vai ser entregue para a próxima administração, mas isto no papel é uma coisa, as vezes nem é lido, muitas vezes não é lido, porque eu participei da secretaria do outro governo e participei dessa secretaria, não dizendo assim em questão de governo, [...] eu não trabalho para o governo, o que a gente nota sempre, quando chega um novo grupo a gente fica até meio assim sabe, eu participei dos dois e eu acho que a gente vai fazendo, daí tudo que é feito, não, isso aí a gente não quer nem ver, tem projetos muito bons que a gente não quer nem ver, a gente quer começar, a gente quer vir com outra proposta porque isto não sei o que, então sei lá, não sei, que direção vai ser tomada e tal, mas o importante é que vocês também além do que vai ficar escrito, que daí é uma condução do que está né, saindo mas que vocês reivindique para quem estiver na secretaria a continuação desse grupo, a continuação dos estudos, colocar né isso, que vou explanar nesse relatório, o que foi essa construção, esse documento que vocês construíram sei que foi muito feito por vocês

e uma coisa assim que teve que ser feita por vocês daí é um lado positivo porque não tinha um profissional lá que fizesse esta triagem então foi feito por vocês e nós lá não ia mudar nada, não tinha conhecimento para isso né, então isso eu acho que fica que é bom, direciona o trabalho de vocês, e as reivindicações que vieram, em relação as oficinas, em relação, eu acho assim que teve um resultado bem bom, eu me lembro daquela primeira reunião que nós tivemos lá na casa azul, que ela falou, que foi a briga boa, a não mas a gente quis fazer esse festival assim, tem que fazer, não porque, acho que os relatos que vocês trazem aqui mostram a desconstrução daquilo que estava sendo arraigado, que não queriam soltar, eu acho que é o grupo que fez isto, foi o grupo, ninguém, alguém veio aqui [...] e nesse sentido assim, agora no dia do festival lá, a gente vai organizar, tem que fazer um agradecimento muito especial para os nossos parceiros, a professora Cecília, ao professor João, a Elciana, eu acho assim, um destaque do grupo nosso da Educação Física como secretaria, é vocês porque graças a eles, os profissionais assim que são específicos da área também, souberam mediar muito bem, a gente pôde dar o salto que deu, e a Educação Física teve esse diferencial, se for comparado com as outras disciplinas, em função disso, a gente pode dizer em função disso, eu faço a avaliação dos outros e vejo a avaliação da Educação Física, o diferencial que teve, o que foi possível consolidar, embora com poucas pessoas mas as pessoas que estão aqui são esse grupo, não ficou muito assim ó [...] é o grupo, mesmo que seja pequeno mas se consolidou, então que vocês não percam isto e que a gente vai se encontrar aí na rede no decorrer do processo, tá. Mais uma vez agradecemos.

PROFESSORA: Eu não vou trabalhar de tarde.

Eu vou.

## **APÊNDICE E – DINÂMICA DO SEMÁFORO**

### **SEMÁFORO VERMELHO**

**Aula diferente recreio**  
**Educação Física e esporte**  
**Falta de estrutura física**  
**Fragmentação do conhecimento**  
**Desestruturação familiar**  
**Inversão de valores**  
**Falta de espaço físico adequado**  
**Entraves burocráticos, verbas públicas**  
**Condições de trabalho (recursos humanos e materiais)**  
**Avaliação**  
**Seminário municipal**  
**Material didático (qualidade)**  
**Avaliação médica para a prática**  
**Agressividade, violência**  
**Contexto social**  
**Diversidade de vida capitalista**  
**Cooperação**  
**Superação do modelo capitalista**  
**Compreensão do papel da Educação Física**

### **SEMÁFORO AMARELO**

**Motivação dos alunos e professores**  
**Formação Continuada**  
**Reforçar o papel da escola na retomada de atitudes e valores**  
**Possibilitar espaços para discussões pedagógicas entre as redes**  
**Conhecimento das realidades das escolas**  
**SMED - Pesquisar necessidades das escolas**  
**Espaço físico**  
**Segurança**  
**Valorização**  
**Atualização permanente**  
**Exposição ao ambiente**  
**Roupa adequada**  
**Professor "tapa furo"**  
**Aula exposta**  
**Instrumentalização teórica- metodológica**

**SEMÁFORO VERDE****Manter ou ampliar a carga horária da educação física nas escolas****Empatia dos alunos com a disciplina****Apoio e reconhecimento por parte da direção****Receptividade dos alunos****Comunidade participativa****Comprometimento do professor****Relação professor aluno****Motivação****Material disponível****Receptividade dos alunos****Interação aluno-professor-aluno****Reconhecimento da Educação Física**

## **APÊNDICE F – AVALIAÇÃO 1º SEMESTRE - 2012**

**Importância do trabalho**

**Mobilização**

**Estímulo**

**Organização**

**Esperança de dias melhores**

**Nutrição, enriquecimento**

**Mudança**

**Aperfeiçoamento**

**Relação universidade escola**

**Reflexão coletiva**

**Continuidade**

**Compartilhar**

**Coletividade**



## **ANEXO A – ORIENTAÇÕES CURRICULARES - EDUCAÇÃO FÍSICA**

### **CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

A concepção de Educação Física identificada junto aos professores da rede municipal de ensino de Santa Maria, contempla um conjunto de reflexões que apontam para a direção de uma perspectiva crítica, ainda que a mesma não se apresente de forma coesa e plenamente consolidada.

Dentro desta perspectiva a Educação Física inclui o brincar e a exploração de diferentes formas de movimento com base em uma visão lúdica que proporcionem a interação, a cooperação, o respeito e o prazer.

A expressão “cultura corporal de movimento” foi frequentemente destacada pelo grupo e caracteriza a Educação Física como o conjunto de múltiplas manifestações como dança, lutas, esportes, jogos, ginásticas e ainda práticas emergentes tais como: as atividades na natureza ou outras que possam ser incorporadas de acordo com o contexto escolar. A Educação Física entendida a partir desta perspectiva, inclui a abordagem de temas voltados à saúde e qualidade de vida, aqui entendidas para além de uma visão exclusivamente biológica.

Os conteúdos propostos expressam um olhar amplo e contextualizado, sendo abordados de modo a possibilitar a aprendizagem consciente sobre as variadas manifestações da cultura corporal de movimento, de modo que os alunos possam dispor desses conhecimentos de forma autônoma.

Descritores - Educação Física	6º ano			7º ano			8º ano			9º ano		
	I	A	C	I	A	C	I	A	C	I	A	C
Conhecer a evolução histórica dos esportes, como: origem, evolução, realidade atual (local, regional, nacional, internacional).	x				x			x				x
Conhecer, caracterizar e vivenciar as regras de ações de jogo do esporte.	x				x			x			x	
Conhecer, compreender e vivenciar os fundamentos técnicos e técnico/tático dos esportes.	x				x			x				x
Conhecer, compreender, caracterizar, comparar, interpretar, argumentar, vivenciar os sistemas de jogo dos esportes coletivos.	x			x				x			x	
Reconhecer e problematizar o mundo esportivo institucionalizado.							x			x		
Participar e realizar competições envolvendo a comunidade escolar enfatizando os debates de cooperação e de competição.	x				x			x				x
Problematizar os espaços públicos de esporte e lazer.	x			x				x			x	
Conhecer, características e vivenciar jogos recreativos, cooperativos, mesa, populares e tradicionais.	x			x				x			x	
Conhecer, caracterizar, comparar, interpretar e vivenciar os fundamentos técnicos e técnico/tático dos jogos.	x			x				x			x	
Confeccionar e construir materiais para os jogos.	x			x				x			x	
Conhecer, contextualizar, caracterizar, interpretar as características históricas da dança.	x			x				x			x	
Caracterizar a origem e histórico da ginástica.	x			x				x			x	
Conhecer, caracterizar, interpretar, e vivenciar os movimentos básicos da ginástica.	x			x				x			x	
Caracterizar a origem e histórico das lutas e discutir as questões sociais das lutas.	x			x				x			x	
Conhecer o próprio corpo nas dimensões biológica, cognitiva, expressiva, afetiva e social.	x				x			x				x
Conhecer e compreender os conceitos de saúde e qualidade de vida.	x				x			x				x
Conhecer e vivenciar, hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades físicas.	x				x			x				x
Discutir e compreender os aspectos sócio-culturais de padrões de desempenho físico, de saúde, e de estética corporal.	x			x				x			x	